

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS

TACIANA BUENO PIMENTA

**MEMÓRIAS DE TRABALHADORAS DA TECELAGEM SALIBA:
a vida e a identidade em uma sociedade industrial**

Alfenas/ MG
2014

TACIANA BUENO PIMENTA

**MEMÓRIAS DE TRABALHADORAS DA TECELAGEM SALIBA:
a vida e a identidade em uma sociedade industrial**

Trabalho referente à disciplina de TCC II
Do curso de Ciências Sociais – Bacharelado da
Universidade Federal de Alfenas.
Orientado pelo professor Lucas Cid Gigante.

Alfenas/MG
2014

TACIANA BUENO PIMENTA

**MEMÓRIAS DE TRABALHADORAS DA TECELAGEM SALIBA:
a vida e a identidade em uma sociedade industrial**

A Banca examinadora abaixo – assinada, aprova o Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte dos requisitos para a graduação em Ciências Sociais – Bacharelado da Universidade Federal de Alfenas.

Aprovada em: 20/02/2014

Formaram parte da banca:

Adriano Pereira Santos

UNIFAL – Universidade Federal de Alfenas

Lucas Cid Gigante

UNIFAL – Universidade Federal de Alfenas

Marcelo Rodrigues Conceição

UNIFAL – Universidade Federal de Alfenas

Dedico esta monografia primeiramente a Deus, aos meus pais que me apoiaram e sempre estiveram presentes nos momentos que mais precisei, ao meu avô Homero (*in memoriam*) que foi meu grande inspirador, que sempre me contava suas histórias de vida e do seu trabalho, aos professores que me despertaram para a busca do questionamento e conhecimento.

Obrigada a todos!

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao professor Lucas Cid Gigante por sua dedicação e paciência em me orientar e pela enorme contribuição no trabalho, as indicações e as idéias que teve para o desenvolvimento deste. Sem isso não seria possível desenvolver certas idéias que aqui foram apresentadas.

Agradeço aos meu colegas que contribuíram para que realizasse este trabalho, como a Laila Damásio que me cedeu o gravador para a realização das entrevistas. Agradeço também aos colegas Carlos Henrique Ferreira e Ramon Lima, por me apresentarem às entrevistadas.

Agradeço aos meus pais pela determinação e luta na minha formação, sempre me apoiaram em minhas escolhas.

Agradeço ao meu irmão que me incentivou a continuar e a não desanimar, confiando em mim.

E por fim agradeço a Deus pela oportunidade da vida, que me possibilitou desenvolver minhas habilidades e concluir mais uma fase.

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho.

(BOSI, 1994)

RESUMO

Partindo da análise da memória de velhos, este trabalho terá como foco investigar as memórias e narrativas de ex-trabalhadoras de uma indústria têxtil, a Tecelagem Saliba, situada no município de Alfenas, sul de Minas Gerais. O objetivo pretendido é o resgate das trajetórias de vida de forma que possibilite analisar se os conceitos de obsolescência e alienação, tratados por Herbert Marcuse em “Ideologia da Sociedade Industrial”, estão presentes no discurso e na vida destes trabalhadores. Por meio da história oral, tendo como referência o trabalho de Ecléa Bosi intitulado “Memória e sociedade”, realizarei análise dos depoimentos destas trabalhadoras.

Palavras – chave: sociedade industrial, trajetória de vida e obsolescência.

ABSTRACT

Based on the analysis of the memory of old people this work will focus on investigating the memories and narratives of ex workers of a textile industry, weaving Saliba, located in Alfenas, southern Minas Gerais. The intended objective is the rescue of the life trajectories in a form that enables analyzing the concepts of obsolescence and disposal, treated by Herbert Marcuse in "Ideology of Industrial Society", are present in speech and life of these workers. By means of the oral history, with reference to the work of Ecléa Bosi titled "Memory and society", will accomplish the analysis of the reports of these workers.

Keywords: industrial society, life courses and obsolescence.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
2 O VELHO NA SOCIEDADE INDUSTRIAL	11
3 MEMÓRIA E HISTÓRIA ORAL.....	15
4 MEMÓRIAS DA VIDA E TRABALHO.....	22
4.1 Dona Rita.....	23
4.2 Dona Luiza	33
4.3 Dona Vivian.....	44
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS	51
ANEXO A – QUESTIONÁRIO REALIZADO NAS ENTREVISTAS.....	52

INTRODUÇÃO

Antes de encontrar o que estudaria e analisaria, me deparei com dois importantes textos durante a graduação em Ciências Sociais que me impulsionaram a desenvolver este trabalho. Estes foram *Memória e Sociedade* (1994) de Ecléa Bosi e *Ideologia da Sociedade Industrial* (1967) de Herbert Marcuse; o primeiro me despertou para as trajetórias de vida e ao entendimento de como podemos encontrar no indivíduo a manifestação do pensamento social, em especial em relação ao velho e sua função na sociedade. Ao passo que a partir do segundo, pude notar a crítica ao modo de produção industrial e como ele é incorporado pela sociedade. Os pensamentos desses dois autores se encontram neste trabalho no momento em que tento entender como a obsolescência na sociedade industrial, pensamento de Marcuse, pode fazer parte das vidas dessas ex-trabalhadoras. É neste momento que a história oral nos ajuda a identificar o sentimento delas em relação ao trabalho, por meio de seus discursos.

Em outras palavras, esta pesquisa pretende verificar se as trabalhadoras em questão se sentem obsoletas com relação ao presente – desenvolvendo a hipótese Marcuseana da obsolescência como característica da sociedade industrial. Parte disso poderá ser verificado a partir da relação estabelecida com a vida laboral, acima de tudo, das concepções que desenvolveram com respeito a esta. Isso nos possibilita, por nosso lado, trabalhar a hipótese de se desenvolveram uma relação de alienação em sua vida de trabalho, noutra aproximação com o trabalho de Marcuse.

Para isso elaborei um questionário¹ base com cerca de vinte questões, estas que estão divididas em seis blocos: a infância, a vida de trabalho, a vida pessoal, a relação com o trabalho na experiência da Saliba, o tempo presente e a pergunta desfecho. As entrevistas foram realizadas com três mulheres que trabalharam na tecelagem, Dona Rita, Dona Luiza e Dona Vivian. A primeira se dedicou ao trabalho administrativo da empresa, já as duas últimas trabalharam na própria produção, na tecelagem.

As histórias de vida que fazem parte deste trabalho têm como ponto comum entre elas o local do trabalho, a Tecelagem Saliba. Esta empresa teve um papel importante na cidade de Alfenas, sul de Minas Gerais, pois foi uma das principais empregadoras da cidade, segundo relatos das próprias ex-trabalhadoras. A Tecelagem Saliba foi fundada em 1946, na cidade de São Paulo, localizada no bairro da Mooca. No ano de 1961 uma unidade foi estabelecida em

¹ Questionário se encontra em “Anexo A”.

Alfenas-MG, onde foi transferida toda a produção da empresa, ficando apenas o escritório central e o *show-room* na capital paulista.

Assim, desenvolvo este trabalho em duas fases, a teórica e a prática, na segunda se encontram as análises das entrevistas realizadas.

2 O VELHO NA SOCIEDADE INDUSTRIAL

A velhice pode ser situada de várias formas; algumas sociedades a consideram como a fase da sabedoria, em outras é vista como o fim de um ciclo de produção. Quando falamos do primeiro tipo de situação, o velho tem muito a ensinar aos mais jovens, pois já vivenciou muitos acontecimentos e passou por várias fases de uma sociedade e possui conhecimentos sobre costumes e tradições que são passados pela oralidade. Já a segunda situação, remete para a circunstância de que a vida, assim como a produção industrial, possui uma “data de validade”. O trabalho que se espera de um indivíduo deve ser rápido e eficiente, o velho pode ter uma exímia habilidade com seu trabalho, porém suas dores nas costas, suas pernas cansadas já não agüentam movimentos tão velozes das máquinas e da produção.

Pensar no velho atualmente pode nos remeter à concepção de que estes seriam portadores de pensamentos ultrapassados e de que seriam caracterizados pela dependência às outras pessoas, perdendo sua autonomia. No entanto, o velho, uma vez incitado a lembrar, apresenta-se como alguém que está repleto de histórias e aprendizados. Sua trajetória de vida anunciada nas narrativas pode nos mostrar o quanto o trabalho, as experiências familiares e seus sofrimentos refletiam aspectos de uma sociedade, sendo via de acesso privilegiada para sua compreensão.

Noutra dimensão, trata-se de pensar o indivíduo como parte integrante de uma história social, no caso de nosso objeto, daqueles que passaram boa parte de suas vidas num tipo muito particular de inserção laboral, centro de experiências igualmente particular, articulado ao trabalho e à classe social.

Por meio da análise documental proveniente de entrevistas realizadas pelo método da história oral, pretendo entender um pouco mais sobre como os trabalhadores da indústria têxtil, Tecelagem Saliba, situada em Alfenas, sul de Minas Gerais, se vêem como trabalhadores. Tentaremos entender, por meio de suas lembranças, as questões levantadas sobre suas identificações com o trabalho que realizaram durante a trajetória de suas vidas,

bem como, pelo resgate da memória, como viram a si mesmos como parte de uma sociedade industrial.

O movimento contínuo da sociedade em que vivemos, numa sucessão em que cada dia que se passa mais rápido do que o outro, numa aceleração crescente, suscita alguns questionamentos. O que motiva essa aceleração e como os sujeitos que estão inseridos nela lidam com isso? Uma das respostas para a aceleração dos ritmos é dada pela aceleração da rotação do capital, como apontou Harvey em “A condição pós-moderna” (2003). A importância de uma pesquisa com os velhos é dada pela circunstância de que eles trazem em suas memórias, as imagens de um período maior do tempo, em que, talvez, este movimento possa ser melhor visualizado. Como bem trabalhou Bosi, o velho é alguém que acumula experiência e vivência, sua memória reflete a vida de alguém que viveu uma trajetória quase completa num tipo particular de sociedade, nos permitindo recuperar esta última em alguns de seus detalhes. Além disso, a história oral coloca-se como uma maneira de valorizar o registro das pessoas comuns, do como vivenciaram o seu tempo e a maneira como suas experiências incorporam aqueles que fizeram história de forma invisível, ou seja, não reconhecida. Resgatar a memória dos esquecidos, eis o elo político deste método.

A sociedade industrial desenvolvida, segundo Herbert Marcuse (1964), possui a característica nuclear da automatização dos aparatos produtivos, que tendem a influenciar a socialização, bem como as necessidades e as aspirações individuais, aspectos importantes da totalidade do social. Outra característica apontada pelo autor é que os aspectos que guiam os indivíduos estão ligados à família e à classe social, que, com o crescimento industrial, passam a determinar o universo do indivíduo de forma diferente, dando lugar à operacionalização e alienação crescentes.

Sendo assim, trazemos algumas indagações, a serem respondidas pela nossa análise documental: a ideologia da sociedade industrial cria de fato identificações no indivíduo? Ou seja, o indivíduo se vê como parte deste pensamento, compartilha de seus ideais? O trabalho é algo que realmente os tenha alienado?

Paralelamente, é possível afirmar que o processo de industrialização e o desenvolvimento das tecnologias acarretaram algumas conseqüências aos indivíduos. Devido à forma como esta sociedade se mantém, por meio de um conjunto que tem que se equilibrar, pela produção, consumo e circulação, a conservação deste aparato industrial deve conter energia para se movimentar, energia fornecida pelos sujeitos que estão dentro desta sociedade. Assim, os interesses particulares são negados, dando lugar aos interesses dos industriais. Para

que a sociedade esteja sempre em constantes transformações tecnológicas é preciso a negação do indivíduo. Portanto, a análise pretendida também tem que responder se esses sujeitos vivenciaram experiências de negação, a partir do tipo de inserção que tiveram.

Como novo aspecto da aceleração dos ritmos, aspecto que dá movimento à sociedade, notamos que a técnica que hoje é nova, em pouco tempo se torna ultrapassada. E os indivíduos, assim como os produtos, ficam ultrapassados tão logo não acompanhem o ritmo acelerado das novas tecnologias.

Conseqüentemente, a partir da concepção de que o velho supostamente não tenha condições de produzir no mesmo ritmo do que lhe é exigido, levamos mais questionamentos à análise: como os velhos criam identificações? Como os velhos se apóiam em um passado? Eles se sentem à margem da sociedade?

Alguns elementos teóricos adicionais têm de ser levados em consideração para também serem trazidos à análise, como hipóteses a serem verificadas.

Em primeiro lugar, Ecléa Bosi mostra que a velhice se torna uma categoria social a partir da concepção de cada sociedade. No caso da industrial, o velho é colocado a margem do grupo social por não conseguir corresponder às expectativas da produção industrial. Talvez isso explique o uso do termo “velho” em lugar de expressões supostamente mais neutras, como “idosos”, ou seja, trata-se de uma associação tendencial entre a experiência de descarte e obsolescência e a velhice.

Sendo assim, enquanto na fase adulta se tem o ápice de produção, devido mesmo às condições físicas do homem, na infância se tem o investimento em uma força potencial de trabalho. Já a velhice é vista como o incômodo, condição daquele que necessita de cuidados, sem nenhum aproveitamento futuro. A partir do momento que não se tem a produção, se perde o valor, como mostram os trechos de Ecléa Bosi (1994): “a sociedade rejeita o velho, não oferece nenhuma sobrevivência a sua obra. Perdendo a força de trabalho ele já não é produtor, nem reproduzidor” (p.35). Desta concepção, um utilitarismo estreito parece nortear a vida das pessoas na sociedade industrial, capitalista. As classes trabalhadoras vivem uma vida de trabalho e doação cotidiana e, na velhice, na condição de improdutividade, salta-se à condição de inutilidade, do estar ou sentir-se à margem. A sociedade industrial é uma sociedade do descarte. É também aquela que promove o envelhecimento desigual, em virtude da circunstância de que envelhecer é, antes de mais nada, um transcorrer interior à vida que se leva, um tipo de trabalho, uma dada classe social e outras circunstâncias.

Como seqüência, “se a posse, a propriedade, constituem, segundo Sartre, uma defesa

contra o outro, o velho de uma classe favorecida defende-se pela acumulação de bens. Suas propriedades o defendem da desvalorização de sua pessoa. O velho não participa da produção, não faz nada: deve ser tutelado como um menor. Quando as pessoas absorvem tais idéias da classe dominante, agem como loucas porque delineiam assim o seu próprio futuro.” (BOSI, 1994, p.35-36).

Assim, o ritmo que as indústrias estabelecem, bem como a busca sempre por maior agilidade e não necessariamente por qualidade, acabam desvalorizando os velhos. Estes são valorizados apenas se possuem algum tipo de acumulação, ao menos como uma condição que lhes cria uma proteção, um escudo.

Um contraste fundamental é com a condição realizadora do trabalho artesanal, que possui uma relação diferente com o envelhecimento. Segundo Bosi (1994):

o artesão acumulava experiência e os anos aproximavam da perfeição seu desempenho; era um mestre de ofício. Hoje, o trabalho operário é uma repetição de gestos que não permite aperfeiçoamento, a não ser na rapidez. Enquanto o artesão realizava sua obra em casa, na oficina doméstica, o velho trabalhador tem que deslocar-se (p.36).

Pode-se envelhecer acumulando os saberes necessários ao ofício, quando se é um artífice reconhecido pela assinatura de obras reconhecidas; aqui está a relação possível entre artesanato e envelhecimento, à qual se diferencia do envelhecimento transcorrido numa vida de trabalho instável ou alienante, do trabalho que exaure o ser humano, fator condicionante da senilidade e descartabilidade dos velhos.

Então podemos ver que Bosi mostra que o velho das classes operárias, na sociedade industrial, não é visto como uma fonte de muitos aprendizados e sim como um sujeito que já passou do seu “prazo de validade”, ou seja, não pode mais produzir como a indústria necessita. Diante da situação obsoleta que a velhice significa nesta sociedade, como se identificam? Se sentem à margem? Tentam acompanhar o ritmo industrial? De saída, estas são as questões que impulsionam a presente investigação.

No limite, como pressuposto, nos orientamos pela circunstância de que a velhice deve ser vista como uma condição humana inserida em categorias sociais, àquelas que revelam a vida que se levou, sob suas mais diversas situações e características. Então, diante da situação tendente à obsolescência que a velhice carrega nessa sociedade, como os velhos que passaram suas vidas trabalhando em uma indústria (Saliba) se sentem e se enxergam em relação ao

trabalho que tiveram e como se sentem hoje? Estão à margem desta sociedade? Os conceitos de obsolescência e alienação poderiam ser encontrados no discurso desses trabalhadores, a partir, evidentemente, de suas concepções?

Em termos de análise teórica, além da referência a Ecléa Bosi, utilizaremos conceitos tratados por Herbert Marcuse em “A Ideologia da Sociedade Industrial”, como o de obsolescência e alienação, para melhor entender os processos pelos quais nosso sistema econômico se baseia, pensando também em como ele se reflete no indivíduo. Este que é parte fundamental do sistema, porém aparenta não ter seu real valor. Em outras palavras, nossa pesquisa pretende verificar se os trabalhadores em questão se sentem obsoletos com relação ao presente – desenvolvendo a hipótese marcuseana da obsolescência como característica da sociedade industrial. Parte disso poderá ser verificado a partir da relação estabelecida com a vida laboral, acima de tudo, das concepções que desenvolveram com respeito a esta. Isso nos possibilita, por nosso lado, trabalhar a hipótese de se desenvolveram uma relação de alienação em sua vida de trabalho, noutra aproximação com o trabalho de Marcuse.

3 MEMÓRIA E HISTÓRIA ORAL

Voltar ao passado e encontrar pessoas, lembranças e objetos permitem uma re-experimentação de vivências que estão ali, de alguma forma, vivas na mente. Imagens são guardadas e com elas significações se prendem.

O filósofo Henri Bérghson se dedicou a entender o mecanismo da evocação da memória. Neste momento, nos remetemos à “Matéria e Memória”, de 1896. Nele, Bérghson nos apresenta dois mecanismos segundo o qual a imagem que o cérebro capta se processa: ora por um processo apenas de ida e resposta imediata, chamado de esquema de ação motora; ora por um processo de retenção, quando esta imagem se perpetua na mente; esta segunda modalidade é por ele denominada de esquema imagem - cérebro-representação e é dele que a memória se nutre.

Aquela imagem que perdura, representa alguma coisa, algo que não foi meramente mecânico, mas algo que se desdobrou e tomou um significado. Bergson acredita que o primeiro esquema a ser formado, o processo da imagem passar pelo cérebro e se tornar uma ação, seria meramente motor. Enquanto que o processo em que a imagem passa pelo cérebro e

gera uma representação, é perceptivo. A percepção e a consciência, segundo Bergson, partem de um processo inibidor realizado no centro do sistema nervoso; processo pelo qual o estímulo não conduz à ação respectiva. Apesar da diferença entre os processos, que leva à ação e à percepção, ambos necessitam de um esquema corporal que vive sempre no momento atual, imediato.

A diferença entre a ação e a percepção seria a capacidade em que a segunda possuiu em absorver aspectos de uma imagem, a representação da imagem, não a refletindo ao mundo exterior em forma de ação. Enquanto a primeira faz parte de um movimento motor de reflexão, em que o pensamento é internalizado, porém não se fixa, se tona um momento de ação. Ecléa Bosi (1994) sintetiza o pensamento de Bergson da seguinte forma: “A percepção difere da ação assim como a reflexão da luz sobre um espelho diferiria da sua passagem através de um corpo transparente.” (p.45).

Para Bergson a imagem que ficou “parada”, ao invés de se tornar uma ação, é um pensamento “puro”, pois é mais complexo e matizado do que quando as imagens são resolvidas imediatamente em ações.

Partindo das idéias de sentimento, percepção e ação, pode-se compreender como a mente humana estabelece uma relação entre o que passou e marcou sua vida em forma de lembrança. Quando se fala em memória, se tem em mente alguns fatos, momentos e sentimentos do passado que são expressos no presente. Mas nem sempre podemos dizer que tudo o que se passou com riquezas de detalhes, muitas vezes o que se lembra são apenas nuances de um passado idealizado, muitas vezes não como realmente aconteceu, mas sob forma pensamentos propagados por pais e familiares, ideologias de uma época. Ecléa nos mostra que o verbo “lembrar-se” que em francês seria *se souvenir*, significa um movimento de “vir” “de baixo”. Este movimento que vem de baixo para cima, para a autora se assemelharia ao processo corporal e presente na percepção. Misturando assim sentimentos do presente com a experiência do passado, como no trecho que aparece em Bosi (1994) de Bergson:

Aos dados imediatos e presentes dos nossos sentidos nós misturamos milhares de pormenores da nossa experiência passada. Quase sempre essas lembranças deslocam nossas percepções reais, das quais retemos então apenas algumas indicações, meros ‘signos’ destinados a evocar antigas imagens. (p.46).

Logo, a memória compreende tanto o que se passou como a percepção do que se vive

no presente, o passado é impregnado de percepções imediatas.

Porém, há a conservação do que já foi vivido, e a memória teria a função de limitar a indeterminação do sujeito quanto ao seu pensamento e ação. A memória tem como objetivo mostrar quais comportamentos já deram certo, para então o sujeito os reproduzir.

Quando a memória e as lembranças do passado vêm à tona, podemos separá-las em duas categorias, a primeira é a memória-hábito. Do que se trata? Este tipo de memória nos revelará quais eram os costumes, como se dava a vida cotidiana do sujeito, as atividades motoras que ele exercia. Já o outro tipo de memória é a dos fatos isolados, coisas que aconteceram uma vez ou outra, mas que por algum motivo houve a representação para que a lembrança viesse a tona.

Muitas vezes, lidar com esses dois tipos de memória pode gerar conflito, no sentido em que o hábito se torna tão mecanizado e repetitivo e que o sujeito não possui tempo para a assimilação do próprio trabalho, que, devido ao seu próprio fim, a produção, acaba colocando limitações e certo adestramento das ações. Assim, o tempo para o devaneio seria escasso em demasia para que houvesse a percepção das imagens espontâneas, e dos sonhos. O contrário também ocorre, no caso em que há a resistência aos hábitos, que para Ecléa é característica do homem de ação.

Bosi determina o caráter da memória-hábito como aquela que se obtém por meio da repetição de gestos e palavras, e que se estabelece devido às exigências da socialização. São aqueles movimentos, palavras, modo de agir que são nos mostrados e que devemos sempre nos lembrar a fim de nos colocar como pertencentes a um mundo, a um lugar, a uma sociedade. No caso da nossa sociedade, é de bom grado que as pessoas saibam se portar em público, em um restaurante é preciso que saiba comer com a boca fechada e segurar de forma correta os talheres. Quando Bosi nos fala em memória-hábito, trata-se dessa lembrança de aspectos relativos a nossa cultura, que ela diz ser um “adestramento cultural”.

“ [...] o velho carrega em si, mais fortemente, tanto a possibilidade de evocar quanto o mecanismo da memória, que já se fez prática motora. O velho típico já não aprenderia mais nada, pois sua vida psicológica já estaria presa a hábitos, adquiridos, inveterados; e, em compensação, nos longos momentos de inação, poderia perder-se nas imagens lembrança.”(1994, p.49).

Já a lembrança pura, aquela que não se trata de momentos repetidos, retrata momentos singulares da vida do sujeito, dela emergem imagens de situações inusitadas de uma vida. Esta memória retrata os sonhos, as esperanças, as expectativas e a subjetividade de cada

pessoa. A diferença de um humano para o outro. Ações por ações, todos podem aprender com a prática e realizá-las bem. No entanto, as experiências corriqueiras são lembradas, como conversas nos corredores do trabalho, ou uma situação adversa no ritmo de um trabalho mecânico, nos mostram aspectos de pensamentos, percepções e sentimentos de um sujeito e que é somente dele.

As imagens que estariam guardadas na memória-hábito de um velho típico, segundo a visão de Bosi diante dessa caracterização que Bergson faz dos dois tipos de memória, seriam mais fortemente armazenadas. Assim, a memória-hábito estaria mais enraizada na vida de um velho. O tempo faz com que os costumes aprendidos na socialização do sujeito sejam mais arraigados, que psicologicamente o velho estaria “preso” aos costumes e à moral de sua época, do tempo que passou. Há também a circunstância de que o velho é àquele que possui na sua trajetória de vida uma camada espessa de lembranças. Assim, quando ele se coloca em um tempo de ócio, o que lhe vem à mente são imagens do passado.

A principal preocupação de Bergson ao nos mostrar os aspectos da memória é entender como se articula a conservação do passado em encontro com o presente, entender como o passado faz parte dos sujeitos hoje. A partir da definição dos dois tipos de memória é possível compreender como o sujeito disponibiliza suas lembranças, e também, em termos teóricos, nos possibilita analisar o que foi fruto de uma socialização e o que realmente são as aspirações dos sujeitos. As memórias se tornam partes essenciais para se construir a existência subjetiva.

A existência subjetiva é transpassada por um tempo e por um espaço. As experiências vividas são todas guardadas, seja numa forma consciente, seja de forma latente. A discussão acerca do inconsciente nos permite uma longa abordagem, tanto na perspectiva da Psicologia, como da Filosofia. Continuando com Bergson, sob o olhar de Bosi, como o inconsciente se aplicaria a memória? Acreditar na existência do inconsciente é pensar que tudo que se passou, o que vimos e vivemos, está guardado e vivo de alguma forma. Assim, o papel da consciência, seria o de colher e escolher quais imagens devem ir a tona. Para Bergson, não crer na existência do inconsciente seria a morte da memória. O sujeito viveria apenas no instante atual, não haveria a lembrança, o passado. A memória se perderia em um vazio, não seria nunca recordada.

Negar a existência de estados inconscientes significa, para Bergson, o mesmo que negar a existência de objetos e pessoas que se encontram fora do nosso campo visual ou fora do nosso alcance físico. Seria dizer: “o que não vejo atualmente não existe”. O “atualismo” absoluto

não daria lugar algum para a memória enquanto conservação do passado.”(BOSI;1994, p.52).

Após ter passado pelos percursos da memória, mostrando sua articulação com o tempo presente a partir da teoria de Bergson, esta que tenta entender a memória por si mesma, Bergson trata a memória de forma bem subjetiva, apesar de nos mostrar que a socialização influencia na memória; porém não a trata como parte do social.

Já com Halbwachs, chega o momento de entendermos como o social pode influenciar nas lembranças. Este, por ser um seguidor das idéias de Durkheim, busca estudar os quadros sociais da memória, ou seja, não se focará apenas no indivíduo, mas em como as instituições sociais podem influenciar os mesmos. Relacionando a memória do sujeito à sua relação familiar, à sua classe social, escola, religião e mesmo à sua profissão.

A memória que antes, com Bergson, tinha seu caráter espiritual e em que o sujeito teria a autonomia sobre ela, com Halbwachs perde este posto. Pois este autor acredita que o movimento para que o sujeito lembre vem de fora pra dentro, ou seja, o sujeito não se lembra do passado por si próprio, mas sim porque alguma situação exterior a ele o fez relacionar com algo já vivido. Como diz no trecho seguinte:

Se lembramos, é porque os outros, a situação presente, nos fazem lembrar: ‘O maior número de nossas lembranças nos vem quando nossos pais, nossos amigos, ou outros homens, no-las provocam’ (introdução, viii)”(Bosi;1994, p.54-5).

A posição que Bergson defende sobre a lembrança na vida do indivíduo, a idéia de uma lembrança poética e sonhadora ou tomada por costumes e hábitos de uma época, é visto por Halbwachs como algo impossível. Pois para este autor a lembrança não é apenas reviver o que se passou, pois o indivíduo de hoje não é o mesmo de vinte, trinta ou quarenta anos atrás. Tudo se transforma, as pessoas, o meio social, há sempre a reconstrução do pensamento. Assim as imagens que temos do passado são realinhadas de forma que são reorganizadas tendo em vista as representações que do atual momento de nossa existência e que norteiam nossa consciência. Quando olhamos para trás, lembramos de fatos que marcaram nossa infância, adolescência, a época do trabalho, porém o fato vivido (na época em que realmente ocorreu) não possui a mesma significação que damos em nossa lembrança, esta que acontece em tempo diferente e em que há relações sociais distintas. Para Halbwachs as mudanças nas relações sociais, as experiências com o meio social fazem com que o sujeito mude

minimamente sua perspectiva de pensamento. E é a partir dessa idéia, do convívio social, que ele direciona sua concepção de que a memória de um indivíduo está ligada também à memória de um grupo social.

Por meio desses pensamentos de Halbwachs, como seria reconstruir o passado? Com a visão de Bosi, em seu livro “Memória e Sociedade”, ela nos mostra com um exemplo de um adulto que resolve reler um livro lido em sua juventude. Ao fazer esta releitura do livro, o sujeito pode até saber dos temas gerais do texto, porém procura nos detalhes as emoções vividas no primeiro contato com o livro. Com a segunda leitura provavelmente seriam feitas novas descobertas, o sujeito veria os acontecimentos com outro olhar, ou prestaria atenção em outros detalhes que não os da primeira leitura. Podemos ver este sentimento na passagem seguinte:

Ao encetar a releitura, esperamos que voltem com toda a sua força e cor aqueles pormenores esquecidos, de tal maneira que possamos sentir as mesmas emoções que acompanharam o nosso primeiro contato com a obra. Esperamos, em suma, que a memória nos faça reviver aquela bela experiência juvenil. Mas, se fizermos uma análise objetiva da situação em que se desenvolve a releitura, teremos que reconhecer que não é isso que se dá. (Bosi;1994, p.57)

Bosi nos mostra que a visão que a criança tem é descritiva, ou seja, ela difere profissões, por exemplo, não por sua funcionalidade, mas sim pelas características aparentes de cada uma, como a vestimenta. Já o adulto se preocupa em analisar os comportamentos, em observar se está de acordo com o meio social em que vive. O adulto leva uma vida muito prática, dando muita atenção ao que é real, deixando de lado a fantasia, os sonhos.

Portanto, a visão da releitura tanto pode ser de novas possibilidades na visão do texto, como pode se ter a frustração de não sentir mais a emoção que sentiu no primeiro contato. É por esses motivos que Halbwachs defende a idéia de que ao se lembrar do passado não se revive, mas sim se re-faz. Mostrando a impossibilidade de se reviver o passado.

Não se lê duas vezes o mesmo livro, isto é, não se relê da mesma maneira um livro. O conjunto de nossas idéias atuais, principalmente sobre a sociedade, nos impediria de recuperar exatamente as impressões e os sentimentos experimentados da primeira vez. (p.58)

A visão de Halbwachs nos mostra que o adulto possui a vida da produção, sempre ativa, sem muitos espaços para os sonhos, os devaneios são deixados um pouco de lado, fazendo parte apenas de momentos de descanso. Bosi, já nos mostra qual seria a visão do

velho quanto a lembrança e junto a teoria de Halbwachs, que nos mostra o por que o velho se deixa tanto lembrar.

(...) é a hipótese mais geral de que o homem ativo (independentemente de sua idade) se ocupa menos em lembrar, exerce menos frequentemente a atividade da memória, ao passo que o homem já afastado dos afazeres mais prementes do cotidiano se dá mais habitualmente à refacção do passado. (p.63)

O velho já passou por muitas experiências, por época diferente da atual, em que se tinham costumes e valores diferentes. No passado, as figuras dos pais eram de pessoas rígidas, que buscavam moldar muito bem os valores que os filhos deveriam seguir. Os valores de sexualidade do homem e da mulher eram distintos. O velho, hoje um homem afastado do trabalho, não se ocupa muitas vezes em produzir, cabendo a ele o papel de lembrar do seu passado. Sendo assim, Ecléa nos mostra que a partir das memórias dos velhos seria possível traçar as ideologias de uma época, o caráter psicossocial de um determinado grupo, por exemplo.

Trazer essas lembranças e sentimentos de um tempo que já passou, dar voz ao sujeito por meio da oralidade, este é o objetivo pretendido quando pensei em utilizar o método da história oral. A memória é onde ficam registradas todas ou quase todas as atividades do indivíduo em sua trajetória de vida. O resgate da memória de um indivíduo, não é apenas uma forma de perpetuação daquelas, mas também uma forma de entender como este via sua sociedade, como eram suas percepções sobre variados fatos. Ou melhor, uma forma de vermos a sociedade se manifestar no indivíduo. Como em costumes, ritos de passagem e fenômenos típicos. Por meio da história oral, é possível colocar à tona essas percepções, que são representações interiorizadas diferentemente de indivíduo para indivíduo, que contam a história de seu nascimento, vida e morte. É pela narração de sua vida, que sua história não se desaparecerá com a morte.

Temos a história oral como um método em que o narrador possui total controle sobre o que será resgatado e perpetuado. A função do pesquisador (ouvinte) seria apenas de intermediar a fala à escrita, como diz Bosi (1994):

O narrador está presente ao lado do ouvinte, Suas mãos, experimentadas no trabalho, fazem gestos que sustentam a história, que dão asas aos fatos principados pela sua voz. Tira segredos e lições que estavam dentro das coisas, faz uma sopa deliciosa das pedras do chão, como no conto da Carochinha. A arte de narrar é uma relação alma, olho e mão: assim transforma o narrador sua matéria, a vida humana. (p.90)

A veracidade das informações não compete ao pesquisador, pois o que importa é como os fatos vividos estão vivos na memória dos indivíduos que contam suas histórias. Assim, o que cabe ao pesquisador é mostrar para o contador de história, por meio da confiança, que seu objetivo é o mesmo daquele que narra, que é perpetuar sua voz e a trajetória de vida, e a sua visão de sociedade e do trabalho que desempenharam.

A dimensão do trabalho e dos meios de produção do sistema capitalista já foi estudada por muitos autores, como Marcuse e mesmo Marx. Porém, estes autores se concentraram em entender o processo geral deste sistema. Ao contrário destes autores, pretendo ir ao indivíduo (do particular) para entender o processo geral, ou melhor, entender como as ideologias permeiam o indivíduo, via a maneira como estes operam suas concepções. Um estudo sobre este aspecto, da identidade de trabalhadores industriais, por meio de sua memória, seria um estudo ainda não realizado principalmente na cidade de Alfenas (pelo menos segundo nossos registros), tendo em vista que a memória de cada trabalhador é única, revelando, por seu turno, as especificidades desta cidade. E se torna de muita relevância se pensamos que o seu ponto de vista pode caracterizar pontos de vista globais que revelam aspectos estruturais de uma sociedade. Implicitamente, esta pesquisa pode resgatar a relevância do indivíduo diante do sistema capitalista. Trabalhar com a análise de memórias resgatadas, que muitas vezes são esquecidas e apagadas, é mostrar a importância do indivíduo, que parece estar esquecido diante do espírito capitalista que impulsiona nossa sociedade.

4 MEMÓRIAS DA VIDA E TRABALHO

No presente capítulo darei voz às trabalhadoras da Saliba; seu cotidiano, sua relação com a família e com o trabalho serão mostrados a partir de suas percepções, que tentarei analisar com base no conteúdo teórico que tratei até o momento.

As entrevistas foram realizadas com ex-funcionárias (e trabalhadoras) da tecelagem Saliba, são elas: Dona Rita, Dona Luiza e Dona Vivian. Foram elaboradas perguntas no que se refere às suas trajetórias de vida, passando pela infância, adolescência, vida adulta e presente. Por meio destes questionamentos tentarei entender um pouco como estas senhoras se sentem, vêem o trabalho que realizaram e como se vêem hoje como ex-trabalhadoras.

4.1 Dona Rita

Iniciei a entrevista com a Dona Rita perguntando como foi sua infância em Alfenas, quais eram suas lembranças. Então ela respondeu:

A lembrança que eu tenho é que nós éramos seis irmãos e que meu pai era um comerciante e minha mãe dona de casa. Uma vida comum, sem muita briga, sem muita discussão, sem nada.

Então perguntei se quando criança D. Rita tinha idéia no que gostaria de trabalhar um dia. “Geralmente a gente pensa sempre em fazer algo... Sempre a gente quer crescer, né? Assim, tanto nos estudos, em todas as formas na vida da gente. Mas muitas vezes aquilo não permite, às vezes não permite, por exemplo, lá em casa éramos seis, mas a primeira a começar a trabalhar e ajudar em casa foi eu”. Então questioneei: e a senhora estudou até quando? “Eu fiz curso de filosofia até no último período, dando direito a matemática, física, química e biologia. Eu fiz o curso técnico, eu não quis fazer o normal. Porque na minha época era o técnico, aqui em Alfenas, e o normal, e tinha o superior que era a escola de farmácia e odontologia, mas eu já entrei, se não me engano, acho que pagava na época, eu não tenho certeza, se pagava ou não o superior ... mas eu fui fazer, por exemplo, eu saí em vez de fazer o científico que eu não iria fazer o curso superior, eu fui fazer o comércio, na época falava comércio, que nos dias de hoje eu nem sei como eles estão colocando mais... Eu não quis fazer o normal.

O trabalho está presente na vida de Dona Rita desde seus dezenove anos, já na Saliba. Quando perguntei o motivo da escolha da Saliba como local para trabalhar ela então me respondeu: “Não, não... aqui em Alfenas na época era muito difícil arrumar emprego. Você não achava emprego assim... A maior parte do pessoal ia pra São Paulo, ia pra outro lugar, principalmente na parte de comércio. Porque era difícil você arrumar emprego, tinha alguns escritórios de contabilidade, mas geralmente eram homens que trabalhavam. Tinha fábrica, eram poucas as fábricas. Então eu falei com uma colega minha, que eu precisava trabalhar e que pra mim seria difícil sair de Alfenas

Porque meu pai era um italianão daqueles que não deixava a moça sair de casa, era muito difícil que eu fosse sair daqui, ir pra outra cidade e ele deixar você ir sozinha, Entendeu? Aí eu falei com uma colega minha, aí ela conversou na fábrica que eu tinha

terminado o curso de comércio e estava parada, e eles me chamaram pra trabalhar.”

Nesta fala de D. Rita, assim como nas falas anteriores, podemos notar alguns aspectos da sociedade que vivenciou quando mais nova, na qual a mulher ainda estava vinculada a trabalhos domésticos, pois mesmo tendo uma formação para exercer uma função em um escritório de contabilidade, tal cargo era oferecido preferencialmente aos homens. A cultura predominantemente patriarcal se mostrava muito rígida, a filha mulher só saía de casa para se casar, ter uma família.

Alfenas se mostrou uma cidade carente no que se diz respeito à produção industrial, sendo assim a Saliba era uma referência muito importante de emprego para a população alfenense. E pela sua fala, a forma de se empregar era bem menos burocrática, passava-se pela oralidade, pelo “boca-a-boca”, pela indicação.

A função exercida por D. Rita na tecelagem é denominada por ela como “sessão pessoal”, esta sessão é definida por ela da seguinte forma: “ É admitir, demitir... Fazer pagamento, o que você se relacionava com o pessoal, na parte financeira, na parte de férias, na parte de demissão, é... Essa parte que você envolve o pessoal que trabalha, fazer entrevista com as pessoas”. Segundo o seu discurso, D. Rita trabalhava na parte em que nomeamos hoje de Recursos Humanos. Assim, sua visão acerca do trabalho na tecelagem se molda a partir do ponto de vista administrativo. Quando afirmamos isso, é preciso ter em mente que o pensamento de um grupo, neste caso a administração da tecelagem, irá se moldar de acordo com seus interesses. Estes que são reproduzidos na sociedade vigente, ou seja, a industrial.

Dona Rita, quando começou a trabalhar na Saliba, era solteira, mas posteriormente se casou; então perguntei se com o seu casamento a rotina do trabalho foi alterada, e a resposta foi a seguinte: “Não.. geralmente quando você é solteira a responsabilidade da casa é da mãe, e quando você casa já passa a ser tua responsabilidade, em todo sentido, né? ou vou arruma alguém pra te ajudar ou vou tem que supervisionar toda a parte da sua casa também, né?” Este modo de pensar de sua família não era diferente da maioria das outras famílias de sua época. A mulher em grande parte da história teve o papel fundamental de estar em casa para cuidar de seus filhos e da casa, o homem então iria para fora a fim de conseguir sustentar a família. Com o advento da modernidade, a mulher foi saindo de casa para ajudar o marido a sustentar sua família, pois só o homem já não estava dando conta das novas necessidades que aos poucos foram surgindo. Mais para frente, com a conquista de direitos e postos de trabalho a estrutura familiar também mudou, porém alguns pensamentos ainda estão arraigados em famílias tradicionais, passados de geração para geração. O papel de gerenciar a casa que antes

era de sua mãe, agora em seu novo núcleo familiar, passa a ser seu além do trabalho que precisa ter para suprir as necessidades da casa. Quais necessidades são estas? A sociedade industrial², que cria mecanismo e novas necessidades, incentivando o desperdício e o trabalho em um tempo maior do que o necessário. Tais características colocam a margem a individualidade, pois o trabalho vem em primeiro plano. Mudando um pouco a tradição, que provavelmente sua mãe seguiu, a de ficar em casa apenas para cuidar dos filhos e da casa. Marcuse (1967) caracteriza este tipo de sociedade da seguinte forma:

A particularidade distintiva da sociedade industrial desenvolvida é a sufocação das necessidades que exigem libertação – libertação também do que é tolerável e compensador e confortável – enquanto mantém e absolve o poder destrutivo e a função repressiva da sociedade afluyente. Aqui os controles sociais extorquem a necessidade irresistível para a produção e o consumo do desperdício; a necessidade de modos de descanso que mitigam e prolongam essa estupefação; a necessidade de manter liberdades decepcionantes como as de livre competição a preços administrados, uma imprensa livre que se autocensura, a livre escolha entre marcas e engenhocas.(p. 28)

A razão que move o pensamento de uma sociedade como esta, a industrial, pode acabar sufocando as verdadeiras aptidões e vontades de um indivíduo, o tempo de trabalho e a necessidade de se trabalhar tomam conta de sua mente. A criatividade e o pensamento individual dão lugar a uma informação massificada.

Seguindo a conversa, lhe perguntei se em algum momento de sua trajetória na Saliba ela teve alguma interferência familiar em relação ao trabalho que exercia. Segundo D. Rita não houve em nenhum momento a interferência familiar em seu trabalho. Seu marido também trabalhou Saliba, na área de contabilidade. Porém ele nunca gostou de trabalhar em escritório, gostava de trabalhar com as estamparias.

Ele trabalhava na Saliba também...Ele era contador também, trabalhou em muito escritório aqui também.. foi em São Paulo, trabalhou em São Paulo, trabalhou na Santista, que nem sei se existe mais, onde fazia muitos lençóis um dos melhores que tinha na época assim pra roupa de cama, era essa da santista... ele trabalhou muito tempo na Santista, depois que a mãe dele ficou doente e tudo , ele veio pra Alfenas. Ai ele entrou na Saliba, ele trabalhou. Mas ele nunca gostou de trabalhar em escritório, mas ele nunca gostou de trabalhar em escritório, ele nunca gostou do que ele fez. Ele sempre gostou de

² MARCUSE, H. Ideologia da Sociedade Industrial. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1967.

mexer com estamperia, na parte de... produtos químicos, no linho...essa parte mais da estampa do tecido!Parte de estampa, não de tinturaria, de estamperia mesmo.

Muitas vezes a vontade do indivíduo é sobreposta a uma ideologia proposta pelo sistema. Segundo Marcuse (1967), a partir do momento em que a cultura identificada como “certa” foi a vinculada por meios de massa, em escala maciça, valores como a arte e a criação, foram deixados de lado, dando lugar a postos de trabalho que visem o maior lucro. Assim, as vantagens de se trabalhar em algo mais valorizado proporciona ao sujeito não só uma maior renda, mas também uma posição social mais valorizada na sociedade em que vive. A parte da criação de estampas era o que o marido de Dona Rita mais gostava de fazer, porém não foi o que realizou durante seu tempo de trabalho. O trabalho como contador, como é dito por sua esposa “[...] *Mas ele nunca gostou de trabalhar em escritório, mas ele nunca gostou de trabalhar em escritório, ele nunca gostou do que ele fez. Ele sempre gostou de mexer com estamperia [...]*”, nunca foi o objetivo de vida deste senhor.

Como D. Rita trabalhou na área administrativa da empresa, perguntei a ela se durante o tempo que ela trabalhou na empresa observou alguma mudança no comportamento dos trabalhadores quanto a modificação do aparato industrial, se houve alguma dificuldade em acompanhar o ritmo dessa modernização, sua resposta foi a seguinte:

De fato... de fato... quando eu entrei era tudo manual, a estamperia era manual... A estamperia era uma mesa enorme, onde você abria o tecido todinho em cima da mesa... e ali tinha e se fazia quadros... se tinha um desenho de cinco cores, seriam cinco quadros...cada um com uma cor...então fazia de acordo com o pedido...eles faziam você preparar a tinta de acordo o desenho que exigia aquilo ali... Ai por cima tinha um... calor, por exemplo... um vapor por cima ...e você tinha um lugar de enganchar um lugar direitinho os quadro, porque senão saia torto. Então enganchava o quadro aqui, passavam a tinta ali, pulava um ...passava no outro... ai depois vinha trocando pra poder secar aquele ali e não borrar... Entendeu? Era tudo manual, então exigia uma pessoa do lado e outra do outro, colocando os quadros e passando a tinta... Depois com o tempo, eles compraram uma fabrica automática na Suíça... aí já fazia automático, ai a máquina sozinha suspendia, puxava o quadro e descia e sozinha vinha com um rodo, tipo de um rodo...passava um rodo ali... e aquilo que demorava muito tempo você começou a demorar muito menos, porque a máquina fazia tudo sozinha

A maneira de se fabricar estampas, como foi descrito por D. Rita, era mais manual, em que era preciso dominar a técnica exigida e para cada estampa era necessário um trabalho

diferente. A presença de uma pessoa para dar segmento ao trabalho era essencial, pois se tratava de um trabalho manual. Passado o tempo a tecelagem modernizou-se, uma máquina automática para se fazer a estamparia foi comprada na Suíça, como destaca a senhora, que também relata que com sua chegada aumentou a produtividade, pois o tempo gasto para a realização do trabalho foi reduzido.

O trabalho que antes demandava um grupo de pessoas, agora necessita apenas de uma máquina, que além de tudo é “mais eficiente” (no sentido produtivo, quantitativo). Porém, nem tudo pode ser automatizado, D. Rita descreve que alguns trabalhos não foram substituídos, e descreve com detalhes como eram feitas as estampas. Como no trecho a seguir:

[...] Agora Tinha também o trabalho de fazer os quadros.. que tem até hoje, essas estampas, não é essas estampas que você compra a máquina de estampar.... Antigamente não tinha... Você fazia nos quadros e nos quadros tinha os desenhistas, que desenhavam de acordo... olha pra você ver, cada cor eles tinham que contornar de acordo com o desenho, eles faziam feito fotografia... Eles levavam num lugar escuro ali, eles fotografavam aquilo ali, e saia o tecido com os... cada cor vinha os buraquinhos , os lugarzinho aonde a tinta ia ficar ali [...]

Ouvindo tais declarações de D. Rita a questioneei da seguinte forma: de acordo com as mudanças no maquinário da fábrica, houve diminuição dos trabalhadores? Então ela me respondeu: *“Diminuiu bastante. Apesar que tinha que especializar, porque o rapaz que veio pra colocar vinha de ano em ano, de seis em seis meses, ele vinha dar assistência, só que tinha que profissionalizar alguém pra ficar no lugar dele quando dava algum problema.”*

Marcuse nos mostra que tais acontecimentos, a aceleração do trabalho e o desemprego tecnológico são características negativas da automatização das indústrias. Mas também fala de uma questão importante, o trabalhador após a automatização quer contribuir com o desenvolvimento da indústria, porém de uma forma diferente, por meio do cérebro e não mais pelo trabalho manual. Como aparece no seguinte trecho:

Nota-se uma sofreguidão do trabalhador para “compartilhar da solução dos problemas de produção” um “desejo de participar ativamente pela aplicação de seus cérebros na solução de problemas técnicos e de produção que claramente se enquadram na tecnologia. (MARCUSE, 1967, p.47)

Quando pergunto qual são os exemplos que a senhora gostaria de deixar aos seus filhos no que se diz respeito ao trabalho a resposta foi à seguinte:

Eu acho que pra ele trabalhar, ele teria que encontrar um lugar que ele iria adaptar naquele lugar, por que senão você vai trabalhar num lugar em que não é aquela função que você gostaria de fazer, você nunca seria um bom profissional, você também teria que ter dedicação, teria que ter amor pelo serviço... se dar bem com os colegas, com o patrão, com os encarregados, senão nunca seria um bom profissional ali.

As características que noto na fala é de que o rapaz deve se “adaptar”, ou seja, se moldar aos padrões do lugar que trabalha para se dar bem ali, além de exercer um ofício em que se dê bem fazendo, tendo bons colegas, se portar de maneira amigável, em que se dá bem com o patrão e com os encarregados. Situação esta essencial para a boa relação e integração no meio de trabalho, segundo d. Rita.

O trabalho da mulher nem sempre foi bem visto, principalmente para os homens que tinham o papel de prover a casa, pensando nesses pensamentos de uma época perguntei: Como sua família enxergava a senhora trabalhando? Então ela me responde sucintamente: Não... Nunca tive problemas com a família não. Na família de D. Rita isso não acontecia, seu papel como mulher trabalhadora foi respeitado, até o momento do nascimento do seu filho. Após o casamento Dona Rita teve um filho, com o seu nascimento ela largou o emprego na Saliba para cuidar de seu filho. “Eu trabalhei até ele nascer, quando ele nasceu, eu saí.”

D. Rita não teve problemas com o trabalho e a família até o nascimento do seu filho, a partir de então sua função era a de criá-lo. Pensando na criação e na educação de seu filho, perguntei-a quais seriam os exemplos que ela gostaria de passar para os seus filhos do que era o trabalho, do que era o trabalho na vida de uma pessoa. Sua resposta foi a seguinte:

Eu acho que pra ele trabalhar, ele teria que encontrar um lugar que ele iria adaptar naquele lugar, por que senão você vai trabalhar num lugar em que não é aquela função que você gostaria de fazer, você nunca seria um bom profissional, você também teria que ter dedicação, teria que ter amor pelo serviço... se dar bem com os colegas, com o patrão, com os encarregados, senão nunca seria um bom profissional ali.

Em seu discurso podemos notar o quão importante é a idéia de adaptação e do filho fazer o que gosta. É importante para ela que seu filho saiba se relacionar com as pessoas onde trabalha, seja com o patrão ou com os “encarregados”. A adaptação do sujeito ao meio de trabalho é um valor que D. Rita preza para que seu filho se dê bem no trabalho.

Partindo da idéia de que o sujeito se molda a partir de valores cultivados em uma determinada sociedade, podemos dizer que este discurso é um reflexo de ideais que impulsionam o funcionamento de uma sociedade, no caso, a industrial. Não há uma liberdade do indivíduo em criar alternativas para o trabalho, há sempre a hierarquia chefe, “encarregado”, uma visão empresarial, se assim podemos dizer. Marcuse diz sobre este processo em que o indivíduo está perdendo a função de criticar a sociedade e está incorporando as necessidades de um sistema estabelecido, pois a crítica a este acarreta em desvantagens econômicas e políticas.

*Independência de pensamento, autonomia e direito à oposição política estão perdendo sua função crítica básica numa sociedade que parece cada vez mais capaz de atender às necessidades dos indivíduos através da forma pela qual é orientada.
[...] o não-conformismo com o próprio sistema parece socialmente inútil, principalmente quando acarreta desvantagens econômicas e políticas tangíveis e ameaça o funcionamento suave do todo. (MARCUSE, Herbert; p.24)*

Logo, para se tornar um bom profissional é preciso seguir essas demandas que o sistema nos coloca.

Voltando à memória de quando Dona Rita trabalhava na tecelagem, em um cargo administrativo, lhe perguntei o que sentia falta de quando trabalhava na Saliba. Então ela me disse: “Assim que eu saí, eu senti muita falta. Assim, você tinha seu salário, você tinha uma vida mais independente financeiramente. Aí depois você começa a depender mais do teu marido, pra você poder sobreviver”. Sabendo que D. Rita saiu da empresa em que trabalhava quando teve seu filho, e a partir daí se dedicou a sua criação, notamos que o trabalho era uma forma libertária de viver, sem que dependesse de ninguém. Marcuse diz que o mundo do trabalho se torna uma base potencial para um novo tipo de liberdade. Já que a liberdade que seria plena para ele é aquela não associada à ideologia industrial. “O mundo do trabalho se torna a base potencial de uma nova liberdade para o homem no quanto seja concebido como uma máquina e, por conseguinte, mecanizado.” (MARCUSE, Herbert; 1967, p.25) Ou seja, esta liberdade lhe dá a possibilidade de adquirir e suprir as novas necessidades, com a falta do trabalho e a dependência de D. Rita ao marido tirou esta tal liberdade que Marcuse caracteriza.

Sabendo disso, quis saber como seria a sua rotina hoje, já que se passaram muitos anos desde sua saída da Saliba e o nascimento do seu filho. Qual seria sua rotina e ocupação hoje? Fiz a ela esta pergunta e então me respondeu:

Ah hoje é em casa. Toda vida eu nunca fui de ficar muito trancada, parada sem trabalhar, então pra mim foi muito difícil. Ai eu sempre procurava alguma coisa, quando aqui na Igreja Nossa Senhora de Fátima passou a Paróquia, seis anos eu fiz a parte financeira da paróquia, era um meio de estar trabalhando. Eu assim que eu saí, eu fui lá pra Igreja São Vicente, nós tínhamos um grupo de interseção onde a gente reunia uma vez por semana pra gente estar rezando por nós, pra então no outro dia rezar pras pessoas, e continuo até hoje, agora na Nossa Senhora de Fátima. Então eu não fico só dentro de casa, porque pra mim não dá. Eu não me sentira bem ficando parada dentro de casa.

A vida do trabalho parece ser para Dona Rita o que fez e faz sentido em sua vida, já que o “estar parada”, ficar sem trabalhar não lhe faz sentir bem. Mesmo não trabalhando mais na Saliba, ela continuou trabalhando, porém em instituições religiosas, fazendo o trabalho na parte financeira quando não estava em grupo de oração, a fim de lucro ou um salário no final do mês, mas uma atividade que preencha o espírito e que a satisfaça.

Voltando à memória de quando trabalhava na Saliba, lhe perguntei se a empresa garantia todos os seus direitos como funcionária

Foi tudo correto. Assim que eu entrei, entrou um contador ele conversou com o dono e falou: Olha o que nós vamos gastar pra pagar depois de indenização, de reclamações, que o pessoal reclama mesmo, com qualquer coisinha se a gente registrar desde o primeiro dia e trabalhar de acordo com a lei, nós não vamos ter problemas. Realmente, dificilmente acontecia algum caso. Assim mesmo com os empregados, porque muitas vezes não entende. Muitas vezes você solta o pagamento eles fazem o mesmo serviço, se durante o mês ele faltou, ou chegou atrasado o outro recebe um pouquinho a mais do que ele, ele quer o salário do outro, então ele quer saber porque o dele tá diferente. Ele esqueceu o mês todo que ele faltou, ou teve algum problema é difícil trabalhar com pessoal, é muito difícil.

Por fazer parte da área administrativa da Tecelagem Saliba, o pensamento da Dona Rita se mostra direcionado a favor da empresa. Podemos notar tal direcionamento na parte do discurso em que ela diz: “Assim mesmo com os empregados, porque muitas vezes não entende. Muitas vezes você solta o pagamento eles fazem o mesmo serviço, se durante o mês ele faltou, ou chegou atrasado o outro recebe um pouquinho a mais do que ele, ele quer o salário do outro, então ele quer saber porque o dele tá diferente”. Assim fica bem claro o posicionamento dela em no que diz respeito à relação empresa x empregados. Pois mesmo

sendo uma empregada da Tecelagem Saliba, há em seu discurso traços do seu posicionamento como se fosse pertencente à empresa.

Ecléa Bosi nos mostra no seu capítulo sobre “Memória Política” que os juízos de valor e as tendências políticas dos indivíduos quando contam sua história, não são “neutras”. O indivíduo que conta sua história quer mostrar seu ponto de vista de fatos históricos. No caso da D. Rita, ela nos mostra seu lado e qual sua opinião. Bosi em nos mostra claramente sobre este aspecto da memória no seguinte trecho:

Na memória política, os juízos de valor intervêm com mais insistência. O sujeito não se contenta em narrar como testemunha histórica “neutra”. Ele quer também julgar, marcando bem o lado em que estava naquela altura da história e reafirmando sua posição ou matizando-a. (p. 453)

Dando continuidade à memória de Dona Rita em relação ao seu trabalho na Saliba, questionei-a como seria se trabalhasse hoje na Saliba. Sua resposta foi a seguinte:

Na Saliba foi o seguinte, quando eu saí da Saliba começou ... se sabe que antigamente, com o tempo, quando começou a sair mais firmas em Alfenas, começaram a trazer problemas, o Sr. Jamil sempre falou que ele tinha essa firma não porque ele precisava, mas pra ajudar os empregados, as pessoas que precisava trabalhar. Quando eu saí as pessoas começaram a fazer, como fala?... não queriam trabalhar, e começaram a sair na rua gritando, o que ele fez? Simplesmente fechou a fábrica e foi pra São Paulo. Deixou aqui muita pouca coisa. Na minha época era de 550 empregados, o pessoal era mais humilde, o pessoal quase não tinha serviço, pessoal então adaptava mais fácil depois que eu saí acho que não tinha 50. Aí ele tirou muito coisa. Levou o americano, levou pra São Paulo, aqui ficou as pessoas as vezes das puladeiras, onde enrolava os fios, entendeu? Aonde eles preparavam os fios. Muitas das máquinas eles venderam para os contra mestre aonde eles faziam o tecido cru e mandavam pra eles em São Paulo, eles compravam o tecido cru, daí estampavam tingiam, aí fazia o acabamento.

Este discurso confirma novamente a posição de Dona Rita em relação à empresa, em que está claramente em uma posição em que a defende, citando até o nome do dono da empresa. Apesar de não ter sido tão clara assim ao responder minha pergunta, tentei identificar qual foi a relação entre a pergunta e sua resposta. Creio que sua resposta se baseia no sentimento último de quando trabalhou na Saliba e que veio à tona, mostrando-nos também sua visão sobre os acontecimentos. A vinda de novas indústrias para Alfenas gerou a valorização destes empregados, que agora poderiam escolher onde trabalhar e reivindicar seus

direitos ou mesmo aumento salarial. De acordo com o discurso de D. Rita, estes atos aos seus olhos pareciam algo que poderia prejudicar a empresa, logo quando diz que *“antigamente o pessoal era mais humilde, o pessoal quase não tinha serviço, pessoal então adaptava mais fácil [...]”* ela nos mostra que quando fala em adaptação, estaria nos dizendo que antigamente os trabalhadores não questionavam sua existência naquele sistema.

Marcuse nos propõe que a alienação se torna questionável quando o indivíduo absorve de tal forma as configurações de um sistema que não conseguem distinguir o seu desejo íntimo dos que são impostos, apropriam dos desejos “impostos” como sendo seus. *“Acabo de sugerir que o conceito de alienação parece tornar-se questionável quando os indivíduos se identificam com a existência que lhes é imposta e têm nela seu próprio desenvolvimento e satisfação.”* (MARCUSE, 1976, p.31). Na fala de Dona Rita podemos perceber essa apropriação, já que seu desejo é comum ao de um sistema, no caso o da Saliba, pois ela se tratava de uma funcionária, assim como os outros que estavam reivindicando, porém seu cargo era administrativo, o que lhe colocava em uma situação diferente dos que trabalhavam na tecelagem propriamente.

Assim, podemos notar em sua fala que a saída da Saliba de Alfenas deveu-se a falta de adaptação destes funcionários à empresa no momento que chegaram outras indústrias na cidade. Já que a tecelagem estava na cidade para ajudar os empregados como aparece no trecho: *o Sr. Jamil sempre falou que ele tinha essa firma não porque ele precisava, mas pra ajudar os empregados, as pessoas que precisava trabalhar*, como os empregados não se adaptaram ou não se propunham a seguir o que lhes era imposto, a tecelagem, como ela nos fala, simplesmente fechou.

Após ouvir sobre as greves, quis saber sobre o que reivindicavam, então lhe perguntei se ela sabia o que motivou estes trabalhadores saírem às ruas.

“Ahh eles primeiro eles queriam sindicato, eles queriam... eu não me lembro, fazia muito tempo que eu tinha saído, não sei quem começou a fomentar pra fazer essa greve”. Intervi, lhe perguntando se estas greves começaram com a chegada das indústrias na cidade, para tentar descobrir a motivação desta manifestação.

É já tinham outras indústrias, começaram a aparecer outras indústrias, né?... Depois de muito tempo que foi só a Saliba. Depois de muito tempo eles deram aquela parte de lá, terreno, pra quem quisesse contruir fábricas. Ai que começaram a ter aquela área industrial lá, que tem acho a UNIFAI, né?...que tem aquelas outras coisas que mexem com ferro, que eu já não lembro o nome. São muitas fábricas pra aquele lado de lá.

Para finalizar minha entrevista lhe perguntei se sente satisfeita com o trabalho que realizou durante sua vida, e qual seu sentimento quanto a isso.

Eu acho que sim... Apesar de que foi muito cansativo, muita responsabilidade que eles me jogaram... Quando não tinha contador eu tive que tomar conta do escritório, eles me puseram como procuradora, junto com alguém eu tinha que assinar cheque eu tinha que olhar tudo que passava por lá. Então fui como uma coordenadora dentro do escritório, não abrangendo as partes que eram de trabalho manual, porque isso aí eu não tinha conhecimento. Cada lugar tem seu chefe. Minha intervenção: Como eram estas divisões? Tinha a parte da tecelagem tinha um encarregado, parte da estribaria tinha outro encarregado, parte da... tinturaria outro encarregado, tinha parte dos mecânicos, tinha constantemente a parte de pedreiros.

Apesar de se mostrar a favor da empresa em outros discursos, Dona Rita sentiu na pele o que é ser uma funcionária, ter responsabilidades e responder muitas vezes por cargos que não lhe competia. Porém ela se sente satisfeita com o trabalho feito.

4.2 Dona Luiza

Dona Luiza nasceu em Alfenas e mora nesta cidade até a presente data. Nasceu em 16 de Julho de 1936, trabalhou boa parte da sua vida na Tecelagem Saliba. Neste espaço conheci um pouco de sua trajetória de vida.

Para iniciar, perguntei a Dona Luiza o que ela lembrava da infância, do seu passado.

*Uai Lembro... cê sabe que o passado você lembra melhor que os de hoje... Ahh lembro coisa assim... falava assim: Ó meu Deus, não vejo a hora de sair daqui, isso aqui é uma barulheira aquela coisa...depois que sai você sente saudade, sente falta..
Minha intervenção: Barulheira do que?
Das máquinas, nós trabalhávamos com máquina, fazia pano...*

A lembrança que D. Luiza tem de sua infância está associada ao trabalho, segundo sua fala. Notamos também a vontade de não estar ali, trabalhando, do desconforto que sentia em relação ao barulho. Porém, a falta do trabalho gera a saudade do mesmo. Creio que a significação do trabalho, de ter uma ocupação e ser útil lhe traz uma satisfação por ter sido boa no que fez, por trazer à tona, por meio da fala, a sua competência. Bosi nos esclarece que para o velho a vida atual só parece criar uma significação se ela recolher de outras épocas o

alento. Como diz no trecho:

E a vida atual só parece significar se ela recolher de outra época o alento. O vínculo com outra época, a consciência de ter suportado, compreendido muita coisa, traz para o ancião alegria e uma ocasião de mostrar sua competência. Sua vida ganha uma finalidade se encontrar ouvidos atentos, ressonância. (BOSI, 1994; p.82)

Por associar a sua lembrança de infância ao trabalho na Saliba, lhe perguntei com quantos anos começou a trabalhar lá. Sua resposta foi a seguinte: *Ah eu tinha 14 anos , entramo lá mas só assim uns dias... mas fomos pegando firme... Já tinha... foi antes de casar, agora to em dúvida,...não, foi antes de casar mesmo. Já estava lá quando casei. O povo antigo trabalha desde novo, né?* Muitas vezes o ponto de apoio da memória se dá em acontecimentos que marcam a vida, como um casamento, um nascimento ou mesmo uma festa. Neste caso, Dona Luiza tem como referência temporal o casamento, e a partir dele tem uma referência para a sua lembrança de quando começou a trabalhar na Saliba. Bosi nos mostra isso em uma passagem: *Chama-nos a atenção com igual força a sucessão de etapas na memória que é toda dividida por marcos, pontos onde a significação da vida se concentra: mudança de casa ou de lugar, morte de um parente, formatura, casamento, empregos, festas. (p.415)*

Além dos pontos de apoio da memória, também notamos uma visão social, familiar ou talvez de um grupo em relação a certos aspectos da vida, como no pensamento de que antigamente o povo começava a trabalhar desde cedo, e aquilo era normal, uma criança trabalhar e ajudar em casa. Goethe em *Verdade e Poesia*, que foi citado por Ecléa Bosi, diz o seguinte: *“Quando queremos lembrar o que aconteceu nos primeiros tempos da infância, confundimos muitas vezes o que se ouviu dizer aos outros com as próprias lembranças.” (p.59)*

Prossigui a entrevista lhe perguntando no que pensava em trabalhar quando criança. Então ela me disse:

Não, eu morava na roça, então aquilo pra nós era só diversão, né? O pai mandava buscar gado, ajudar levar leite pra beira da estrada pro caminhão pegar, então era aquela rotina, até que boa aquela rotina...Hoje a gente tem saudade... Hoje por exemplo, atravessar a rua eu não posso, a perna estremece de uma vez eu caio... Eu evito de sair, ela dói aqui e conforme eu piso ela amolece de uma vez.

Minha intervenção: Então a senhora começou a trabalhar jovem?

Nossa eu era muito criança... Eu comecei a trabalhar sério com 15 anos, antes trabalhava no rolo, assim era mais

assim...

Minha intervenção: Como assim rolo?

Não era uma coisa legal, depois foi tudo certinho.

A memória de sua infância se contrasta com a sua velhice, ao mesmo tempo em que se lembra da sua infância e como ela lembra como sendo boa, que era só diversão, lembra-se que hoje não pode fazer muita coisa, atravessar a rua é difícil, suas pernas já não agüentam. O trabalho parece pertencer a sua vida desde muito nova, sendo na roça ajudando o pai a pegar o gado ou na cidade, quando começou a trabalhar sério na Saliba aos 15 anos.

As pernas que estremeçam e que tornam o simples ato de atravessar a rua um grande desafio, mostram uma certa angústia por não conseguir fazer o que fazia antes, há um sentimento de diminuição da sua capacidade. Como mostra no trecho escrito por Bosi: “*O velho sente-se um indivíduo diminuído, que luta para continuar sendo um homem. O coeficiente da adversidade das coisas cresce: as escadas ficam mais duras de subir, as distâncias mais longas a percorrer, as ruas mais perigosas para atravessar, os pacotes mais pesados de carregar*” (p. 79).

Voltando ao questionário, perguntei por que entrou na Saliba.

Lá tinha muita gente que trabalhava lá, muita gente... todo mundo cada qual queria mais , o povo foi mudando pra cidade por causa da Saliba, Saliba foi uma mãe pro povo de Alfenas. Eu sempre falava: ai gente, ceis aí vai ficar, eu vou embora, vou casar, ceis vão sofrer agora aí muito tempo, porque eu ajudava eles tudo. Eu era um... ajudava um, estragava ali e eu ajudava. Era tão bão!

A imagem associada por D. Luiza para caracterizar a Saliba é a da mãe, aquela sempre acolhedora que prove pelos seus filhos. Pessoas de cidades vizinhas ou mesmo da zona rural, como ela, vinham para Alfenas em busca de melhores oportunidades, a Saliba como única indústria na cidade capaz de absorver esta mão-de-obra que chegava.

Há certa contradição na fala de D. Luiza, ao mesmo tempo em que ela diz que não era tão bom o trabalho, que ela iria se casar e sair de lá, mas também se lembra e diz que era bom trabalhar ali, que ela ajudava as pessoas e se sentia útil.

Quis saber um pouco mais sobre seu trabalho na tecelagem, então a perguntei qual era sua rotina de trabalho na Saliba.

Eu fazia lá muito pano, eu virava 4 máquina, depois passou pra 6 máquinas, mas aquelas máquinas grandes, fazia os pano...

A gente ia cedo buscar , o pai mexia com gado,né, daí ia cedo buscar aquela bagunça...depois a gente acostumou, depois a gente veio pra cidade com 13 ano vim pra cá, viemos pra cidade. Depois de 13 anos dali já entramo no serviço ali pra trabalhar, com treze ano. Depois ficamo lá trabalhando, depois fichou todo mundo, muito bom.

A lembrança da rotina de trabalho de Dona Luiza entrelaça o trabalho que realizava em sua casa, com seu pai e irmãos, com a rotina de trabalho na tecelagem. Há saudade da infância vivida com a família, uma infância curta e que a transição da saída do campo para cidade marcou sua trajetória, sendo que o trabalho sempre esteve presente, tanto no campo como na cidade.

Em relação ao seu trabalho na Saliba lhe perguntei se tinha um interesse de crescer na empresa, de conseguir um cargo melhor. E suas palavras foram:

Não, as maquinas, a minha era a única que o povo tinha mais vontade, mais ninguém conseguia tocar elas, mas eu tocava. Ai depois passou me deu mais duas, também eu lá fazia o que queria, eles eram muito bom pra mim. Minha intervenção: O que essa máquina fazia?

Olha você tinha muita coisa, tinha que por nela carretel de linha, por pra carregar tudo na mão, era tudo feito na mão, se punha de peça assim, corre lá e arruma de novo. Agora não, agora é tudo elétrico, né... Não tem trabalho mais não. Agora é diferente

Nesta fala é possível notar como o trabalho por ela realizado a realizava e fazia se sentir útil. As máquinas tinham que ser manipuladas com uma perícia que ela dominava, algo que para muitos seria uma dificuldade ela administrava com maestria. O processo de colocar o carretel de linha e pelo trabalho ser manual, este trabalho se tornava mais trabalhoso e difícil. O trabalho por ela exercido não é mais necessário então não há mais trabalho, tudo se transformou. E pela sua fala o trabalho ao qual estava acostumada e orientada não existe mais.

Pensando nesta mudança da forma de trabalho, em que o trabalho manual foi substituído por máquinas elétricas, lhe perguntei se durante o período que trabalhou na Saliba ela presenciou esta mudança, o aparecimento de novos maquinários.

Não, mudou de muitos anos. Depois de 58 pra cá que eles mudaram o tipo das máquinas. Até encontrei com um homem há pouco tempo, falei pra ele, perguntei pra ele Sr. Dorival, era chefe lá, depois ficou grande lá, né? Ai vai indo vai indo, ele ficou bem, né? Ai até a filha dele mora ali na esquina, ai eu falei pra ele assim, Dorival, ele falou dona Luiza a senhora não quer ir trabalhar lá não? Tão levantando a fábrica de novo. A senhora lá era um furacão.

Ahh aí eu disse assim, ahh a vida acaba, né?. Daí ele disse, de fato a senhora ta certa, vai indo acaba tudo na vida.

A lembrança do trabalho, ao mesmo tempo que lhe traz o sentimento de ser útil, lhe faz lembrar que hoje não pode fazer o que fazia antes, lhe trazendo tristeza e não vendo uma finalidade na sua vida. Podemos notar isso quando diz, “*Ahh aí eu disse assim, ahh a vida acaba, né?*” Na verdade sua vida não acabou, mas sua motivação e o que era uma forma de se socializar e dar uma motivação para sua existência era o trabalho. Quando criança ajudava o pai com o gado, mais tarde na tecelagem fazendo o seu trabalho que, segundo ela e seu amigo Dorival, fazia com perfeição. Um trabalho manual que muitos não conseguiam fazer, mas agora as máquinas fazem em seu lugar.

O trabalho, segundo Bosi³, significa a inserção do indivíduo no sistema de relações econômicas e sociais. A passagem o último depoimento mostra que o indivíduo se envolve com o trabalho de uma forma tão profunda que passa a ser parte de sua vida psicológica.

Seguindo a entrevista, lhe perguntei sobre os estudos, então ela respondeu que estudou até o quarto ano. E explicou que quando o pai a colocou na escola não tinha muito tempo para o estudo, como aparece no seguinte trecho:

Quando o meu pai pôs nós na escola, nós morava num sitio pra lá de Gaspar Lopes...então de lá nos ia cedo pra aula, aí não tinha , tinha o tempo da escola, de estudá, só que tinha aquela rotina de trabalhar ali mesmo,né? Ai trabalhar e andar direito com o serviço, então chegava a hora de pega o serviço vinha correndo eu com meus irmão. Ia tudo,né? Mas era divertido.

Minha intervenção: A senhora saia na juventude? Ia a algum baile, por exemplo?

Não, meu pai não deixava, só trabalhar, de jeito nenhum. Mas se ele fosse numa festa ele levava. Ai depois ele tinha uma venda, tinha que ajudar lá.

O trabalho sempre presente a sua rotina seja na roça ou na cidade e a necessidade de trabalhar não deram espaço para que o estudo fosse parte principal de sua vida. Sua forma de encarar a vida sempre foi por meio do trabalho, pois logo após a escola tinha a rotina do trabalho no sítio e na venda do pai.

Dona Lurdes se casou aos 18 anos, conheceu seu marido graças a uma amiga trabalhava com ela na Saliba, que a apresentou ao seu irmão. Perguntei-a se após o casamento sua rotina de trabalho na Saliba mudou, a resposta foi a seguinte:

Mudou, acabou Saliba, acabou tudo, né? Tive que sair aí já não era mais pra trabalhar, era dona de casa,

³ BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade*. São Paulo; Companhia das Letras, p.471.

né? Tinha que ficar casa tinha casa, tinha tudo, né?! A casa era perto da Igreja Aparecida, só deu uma reformada assim ó, mas homem igual a ele vou te falar que eu vejo o povo de hoje... Nossa senhora!”.

O trabalho que antes era na tecelagem, agora era em casa, cuidando da casa e dos filhos. A vida de Dona Luiza era “comum” a uma moça de sua época, vivia para casa e os filhos, enquanto seu marido saia para trabalhar, era caminhoneiro. Porém, ela não ficou muito tempo em casa, era preciso ganhar um pouco mais de dinheiro, e com o tempo os filhos já olhavam ao outro, como ela disse, e um já poderia cuidar do outro, então voltou a trabalhar na Saliba. Sua fala foi a seguinte:

*Só.. só.. Zelava deles direitinho. Mas trabalhar fora não. Eu passei muito tempo, já tava, meu filho já tinha 6 ano, voltei a trabalhar. Aí veio um rapaz perguntando como é que eu tava, e eu falei, to bem.
[...]. Foi bom. Minhas crianças já tava com 6 anos, já um olhava o outro já, né. Não precisava da minha atenção ali tempo todo, né? E tinha a minha sogra que morava ali perto, aí ela falou, pode deixar comadre, vai trabalhar mesmo precisa mesmo, só o que o Jesé ganha ta muito pouco. Ele trabalhava com caminhão.*

Ao retornar à tecelagem, segundo seu depoimento, passaram-se 6 anos aproximadamente, e com isso algumas coisas, como equipamentos e técnicas poderiam ter mudado, então primeiro perguntei com o que foi trabalhar quando voltou, e ela respondeu: “O mesmo serviço, as mesmas máquinas. Mas tava começando a modificar as máquina tudo, né?”. Interessada em saber o que estava mudando, questionei, tava mudando? O que mudava?

Tava. Uma vez que eu pegava uma vez que eu via um lá trabalhando, até um rapaz que veio de São Paulo mexendo assim, deixou parar e perguntou se eu era capaz de mexer nela. Dai eu falei o, que que tem nela? Porque eu era séria mesmo, isso até hoje, só com você que é mulher e tudo que não, mas com homem não. Ahh vida assim é meio esquisita, mas foi toda essa vida mesmo, essa rotina. Aí de vez em quando eu saia, saia...Dai eles mandava toda hora chamar, chamar, daí ficava mais um pouco e saia, ficava um mês em casa e fazia voltar. Enjooa do serviço, né? Aí eu falava, vou sair, pode marcar aí.

A importância do trabalho e a qualidade com o que fazia fica bem claro na fala de Dona Luiza, ela tem o sentimento de ter feito algo, o trabalho que desempenhou, bem feito. A prudência e costumes de uma época em que a mulher ainda não tinha muito espaço e sua

sexualidade também era reprimida, se comportar diante um homem também a tornava uma pessoa digna perante as pessoas e se sente assim ainda. Essa vida de trabalho é vista por ela como uma rotina, como algo que faz parte da sua existência.

Outro fato que observo nessa fala seria a palavra enjôo, logo quando ela disse fiquei interessada em saber o que seria o enjôo, então a perguntei, por que a senhora enjoa do trabalho? “*Era muito trabalho, trabalhava demais.*”. A jornada de trabalho chegava a ser de 12 a 14 horas diárias, como mostra sua fala: “*Nós pegava das 6 às 6. Depois tinha dia que trabalhava até mais tarde, tinha dia que pegava as 5 da manhã e trabalhava até as 7*”. A falta de tempo para sua vida, para a vida doméstica e lazer não era levada muito em consideração pelos empregadores. Adiante em sua fala percebe-se, talvez, quais eram os incentivos que a impulsionavam a continuar o seu trabalho e se submeter a tantas horas neste. Quando a pergunto se o salário que recebia tinha algum acréscimo das horas trabalhadas a mais do que o permitido, me responde:

Tinha sim, tinha acréscimo sim. Eles foram muito direito. Eles iam me pagar, pagavam direitinho. Todo mês quem fizesse mais ganhava prêmio, ganhava roupa todo mês. Ai quando vê eu olhava lá eu queria meu prêmio, né? não queria mais nada. Só pensava assim, né? Eu gostava muito de andar bem arrumada. Agora ando com esses trapos aí. Ta feio demais. De manhã eu troquei de vestido, porque as blusas, minha nossa! Mas trabalhar na Saliba foi muito bom!

O incentivo que a tecelagem proporcionava para que houvesse a motivação de seus funcionários na função que desempenhavam era a bonificação, um prêmio, como D. Luiza nos fala. A falta do trabalho, em seu discurso, lhe traz um pouco de tristeza, pois sem ele não consegue mais se vestir tão bem como antes, a vaidade lhe parece distante. Na pergunta seguinte que fiz a ela, sobre qual era sua motivação para estar trabalhando, sua resposta foi a seguinte:

Pra andar bem, pra ajudar o pai a fazer as coisas que ele gostava, só pra isso. Gostava muito de andar chique, bem arrumada, isso eu gostava mesmo. Desde da roça eu andava bem arrumada. Dinheiro era pra isso. Meu pai falava, não filha, você trabalhando, faz o que você quer com seu dinheiro. Não jogando fora. Ele falava desse jeito.

O trabalho significou para Dona Luiza o sentido de sua vida, era o que lhe tornava mais confiante, vaidosa, após não poder ter seu dinheiro para comprar roupas bonitas, sua vida ficou com um pouco menos de cor. Marcuse, ao definir qual a finalidade da sociedade

industrial, nos diz que esta torna-se totalitária, podendo assim definir necessidades e aspirações pessoais. “Nessa sociedade, o aparato produtivo tende a tornar-se totalitário no quanto determina não apenas as oscilações, habilidades e atitudes socialmente necessárias, mas também as necessidades e aspirações individuais” (p.18).

Notamos que esta argumentação é válida quando vemos a falta do trabalho na vida de D. Luiza. O trabalho não só como forma de ocupação de tempo, para se sentir útil, mas como meio para satisfações pessoais, ou não tão pessoais.

Trabalhar significou para ela poder tornar realidade alguns desejos não só dela, mas de quem estava por perto e gostava, como o pai. Então lhe perguntei quais os exemplos que gostaria de ter passado para os seus filhos do que era o trabalho, do que o trabalho era na vida de uma pessoa.

La falar pra eles que o trabalho é muito bom. Que o trabalho é a coisa que faz a pessoa mudar a cabeça, se tiver algo ruim tira. É muito bom trabalhar. Naquelas horas que você trabalha e pensa que não sai, aí depois chega em casa, toma um banho tudo. Depois senta, costumava sentar assim no quintal, assim de frente, tinha onde sentar lá fora, bater papo, ficava até meia noite batendo papo. Vinha um vizinho de lá, outro de cá, vinha conversar. Pai jogando, era bom demais.

A recordação do tempo de trabalho lhe trouxe à memória a rotina dos dias, as coisas boas que o trabalho proporcionou. Trabalhar o dia todo poderia ser cansativo, mas a recompensa estaria em casa, com um bom banho lhe recompensava o esforço do dia. Não pensar no trabalho e apenas ter alguns momentos de relaxamento lhe parecia ser essencial. A conversa com vizinhos e esses momentos de relaxamento lhe pareciam hábitos, estas memórias-hábito, são caracterizadas por Bosi como a incorporação de práticas do dia-a-dia. Como no trecho seguinte: “[...] a memória-hábito já se incorporou às práticas do dia-a-dia. A memória-hábito já se incorporou às práticas do dia-a-dia. A memória-hábito parece fazer um só todo com a percepção do presente.”(p.49)

Voltando à rotina na tecelagem e buscando entender sua visão acerca do processo de modernização da produção, perguntei-lhe: Como foi a modernização das máquinas na Saliba, as pessoas tinham dificuldade em se adequar as novas máquinas?

Era bem difícil, se lerdasse um pouquinho e desse um defeito grande cê levava uma hora depois pra pôr em orde. Rebenta um fio, aquele fio enrola com os outros assim, e vira aquela bagunça e você tem que colocar tudo direitinho outra vez.

Tentando entender se as mudanças do maquinário poderia interferir no modo de atuação e mesmo de relacionamento entre a entrevistada e seu meio de trabalho fiz uma intervenção, questionei, “E em relação as máquinas antigas o que a senhora acha em relação a essas novas?”

As outras eram mais pequenas, a largura assim mais ou menos. As pequenas não tinha problema não, pra trabalhar não. Ihhh era uma beleza, num instantinho cê pega uma câmara daquela, você coloca uma memória desse tamanho assim, laçadeira,, assim que chama, desse tamanho , cê põe uma caixa que encaixa assim, as trama, os canudo que põe na máquina pra tecer os pano, né? daí pegava de pressa punha ali, num instantinho rodava tudo. Era divertido demais. E eu fazia quase tudo, com um pouquinho de diferença os pano que os outros viravam com 4 eu virava com 5, 6. Porque sempre quebrava um, até que eles arruma.

Minha intervenção: O que é virar?

É trocar de máquina. Eu trocava de máquina rápido.

As coisas antigas a gente lembra mió do que as de hoje. As coisas que a gente viveu a gente lembra mais do que as de os dia de hoje. Os dias de hoje tem muito problema pesado. Muita coisa.

As diferenças entre os maquinários parecem não influenciar Dona Luiza em seu trabalho, a arte em tecer, em colocar tudo em seu devido lugar para que tudo saia certinho e ao mesmo tempo rápido era o que lhe importava. Não vendo dificuldades na mudança das máquinas.

O passado é um tempo que não volta uma imagem que fica guardada na mente, um sentimento de que um dia sua força de trabalho era utilizada e sua vida possuía um pouco mais de sentido, não dependia de ninguém, pois suas pernas e seus braços estavam bons o suficiente para poder se prover. A alegria está em lembrar-se de um tempo remoto em que fazia seu trabalho com excelência. Bosi nos mostra este pensamento no seguinte trecho:

E a vida atual só parece significar se ela recolher de outra época o alento. O vínculo com outra época, a consciência de ter suportado, compreendido muita coisa, traz para o ancião a alegria e uma ocasião de mostrar sua competência. Sua vida ganha uma finalidade se encontrar ouvidos atentos, ressonância.”(p.82)

A relação que Dona Luiza tem com as lembranças do seu trabalho é de uma alegria profunda por ter podido contribuir com o seu trabalho, tanto para se sentir melhor com suas roupas ou para ajudar em casa. Felicidade maior é poder lembrar-se dessa vida, a do trabalho, que está guardada em sua memória.

Dando seqüência à conversa perguntei-lhe qual era sua relação com os outros funcionários.

Tudo bem, nós tinha amizade, acho que o povo de hoje não tem a amizade que nós tinha, é amigo mesmo, tudo. Brincava, conversava um com outro. Vinha uma peça, uma pilha de rolo lá. Aí eles iam lá perguntavam, posso ajudar? Aí eu dizia, não, não precisa não, se eu fiz eu tenho que aguentar. Aquele peso. Um mundo de rolo. Um rolo grosso de 2 metros. Ali vc disparava a maquina... Cortava a ponta so pano, enrolava assim um pouquinho, depois ligava a máquina, aí ela ia tirando tudo o pano pra gente. Aí ali a gente ia fazer outro pano ali. Aí fazia 12 metros, 12 metros de pano que tinha que fazer. Quando dava 12, você parava a máquina e tinha que tirar aquele pano, já punha numa peça pra levar pra São Paulo. Sei que eu ganhava bem... eu ganhava mais que as meninas tudo, tem uma que passa sempre aqui na rua. Aí quando ela para de passar eu fico com saudade, eu falo, o que será que ta acontecendo? Ela mora descendo a Saliba. Daí ela fala, ahh to cheia de problema, tenho que cuidar do meu neto. Aí eu falo, não esquento não

A exaltação de um passado melhor que o presente continua evidente em seu discurso. Quando diz que “o povo de hoje não tem a amizade que nós tinha, é amigo mesmo, tudo” mostra que sua visão do presente é de falta de interação, ou talvez maior competição entre os trabalhadores. Já no trecho em que revela que sua colega de trabalho possui o mesmo sentimento de que o presente não é tão bom como foi há algum tempo: “Ela mora descendo a Saliba. Daí ela fala, ahh to cheia de problema, tenho que cuidar do meu neto”. Não que em seu tempo de trabalho não houvesse, mas o presente isso parece mais claro, como se o individualismo estivesse cada vez mais claro. Lembrar como diz Bosi (p.57) é refazer, é ter uma nova visão do passado em que traços do presente são existentes nessa lembrança, como uma releitura dos fatos. Quando lhe questionei sobre o que sentia falta em seu tempo de trabalho, esta visão ficou ainda mais clara, em que a moral estabelecida no seu tempo era diferente, como aparece em sua fala:

*O tipo de vida que a gente leva é outra, né? Não tem a bagunça de hoje. É diferente.
Minha intervenção: Em que sentido?
No sentido de família e tudo, né? Diferente de hoje. Antigamente os filhos eram mais coisa... Hoje é diferente, cada um quer ser o dono deles. Não aceita a gente chamar a atenção, nada, né?! Acha que ta certo e você ta vendo que é errado. Nós não, o pai falava e nós, só do pai olhar nós já sabia que ele tava bravo.*

Logo, notamos que os traços de sua socialização familiar ainda estão muito presentes

no seu pensamento atual, em que a individualização dos seus filhos é vista de forma ruim. Pois na sua época obedecer ao pai era algo comum, desobedecer era tentar contra uma regra estabelecida. Notamos também que seu pensamento em relação ao trabalho, de que a vida ganha um sentido e dignidade por meio dele é um pensamento cultivado pela família, a partir de sua resposta quando lhe perguntei: como a sua família enxergava a senhora trabalhando?

Lá todo mundo trabalhava muito. Ta trabalhando tá bom. É isso. Minha mãe trabalhava na venda lá, sábado fazia aquela coiseira pra colocar na venda, né! Isso tudo marca muito a vida da gente, viu! Mas aquilo era diversão, era bão!

Bosi nos explica que este tipo de pensamento foi denominado por Halbwachs como um processo de “desconfiguração” em que o passado sofre ao ser remanejado pelas idéias e pelos ideais presentes, como mostra no seguinte trecho:

“Um aspecto importante desse trabalho de reconstrução é posto em relevo por Halbwachs quando nos adverte do processo de “desfiguração” que o passado sofre ao ser remanejado pelas idéias e pelos ideais presentes do velho. A “pressão dos preconceitos” e as “preferências da sociedade dos velhos” podem modelar seu passado e, na verdade recompor sua biografia individual ou grupal seguindo padrões e valores que, na linguagem corrente de hoje são chamados de “ideológicos”. (p.63)

Outro aspecto importante nesta fala é, mais uma vez, a consideração do trabalho em sua vida e como ela se sente orgulhosa do que fez. Notamos tal sentimento no trecho em que descreve como fazia seu trabalho, em que tinha que agüentar “*um mundo de rolo*”, aquilo para ela era um orgulho visto no presente, assim como ganhar mais que as outras meninas, mostra a valorização do seu trabalho. Condizendo assim com a questão levantada por Marcuse sobre a alienação, em que a partir do momento que o sujeito se identifica com a existência que lhe é imposta e têm nela seu próprio desenvolvimento e satisfação, não podemos dizer que este sujeito é alienado, pois sua realidade não é uma ilusão. Quando a questiono sobre se sente falta do seu trabalho hoje ela responde: “*Ah relativo, se for trocar eu prefiro a vida que eu levava trabalhando*”. Este discurso nos mostra que sua vida foi moldada a partir do trabalho, isso a gratificou e a trouxe satisfações que hoje, sem o trabalho não é possível suprir.

Quando lhe pergunto como seria se trabalhasse hoje a resposta foi a seguinte:

Ahh seria mais um jeito bom de apreciar o passado, né? É isso que acontece. Quando eu encontro uma colega assim, elas dizem: é isso aí Dona Lurdes, hoje nos tamo aí pajeando, não temos mais valor, as filhas tão só bagunçando, não é mais nosso tempo mais não! Essa mulher é muito minha amiga, faz tempo que não vejo ela. Quando vê a gente fica doente e não aparece ninguém pra ver a gente.

O passado no trabalho lhe traz recordações de que a vida era bem melhor do que a de hoje, em que suas satisfações vinham da sua produção, do seu esforço no dia a dia no trabalho. Esta forma de pensamento se comunica com o que Bosi nos caracteriza como seria o tratamento da sociedade industrial para com o velho. Esta sociedade rejeita o velho porque ele não é mais produtor e nem reprodutor, quando se diz “*não temos mais valor*” nos mostra este pensamento de pertencimento a marginalidade de uma sociedade. Os filhos não lhe recompensarão e sabem disso. Este sentimento de que a vida não possui um sentido sem o trabalho é bem expresso em um trecho de Simone Beauvoir em sua obra sobre a velhice (Bosi, p.77)

As árvores que o velho planta serão abatidas. Quase em toda parte a célula familiar explodiu. As pequenas empresas são absorvidas pelos monopólios ou se deslocam. O filho não recomeçará o pai, e o pai sabe disso. Ele desaparecido, a herdade será abandonada, o estoque da loja vendido, o negócio liquidado. As coisas que ele realizou e que fizeram o sentido de sua vida são tão ameaçadas quanto ele mesmo.

Por fim, encerro minha entrevista com Dona Luiza lhe perguntando se sente satisfeita com o trabalho que realizou durante sua vida. Sua resposta foi curta: *Foi tudo bem. Entre a minha vida com o meu marido foi tudo bem, ele nunca brigou deu trabalhar deixou eu trabalha e tudo. Depois pouco tempo ele morreu.*

4.3 Dona Vivian

Dona Vivian nasceu e morou por muitos anos em Conceição Aparecida, até o ano de 1976, aos 24 anos, quando ainda era solteira. Perguntei-lhe o motivo da mudança para Alfenas, e me respondeu da seguinte forma: *Na verdade eu vim pra cá pra estudar. Daí entrei na tão famosa Saliba, e lá permaneci. Quis saber qual o motivo a levou ir trabalhar na tecelagem Saliba, então questionei, e como à senhora foi trabalhar na Saliba? Talvez seria até*

a necessidade. Daí você vem, desloca de um lugar para o outro e necessita de dinheiro. O trabalho lhe foi necessário para sua estadia na cidade. Quis saber mais sobre qual função desempenhava na Saliba:

Eu entrei assim.. A princípio eu entrei na espuladeira, aí esperando surgir uma vaga num lugar melhor. Na espuladeira eu fiquei um ano, aí depois fiz um teste pra ficar no escritório. Daí depois fiz um teste pra ficar no escritório, não fui assim bem adaptada, aí fui pra função de orgideira.

Minha intervenção: O que seria exatamente?

Orgideira... seria assim... o acabamento, onde manda o artigo para a tecelagem. Elabora a unidade de rolo, metragem, artigo, pra ir pra tecelagem. Seria a função, uma das funções principais.

É notório em seu discurso que a preocupação inicial de entrar e poder crescer dentro da empresa, como ela disse tentou um cargo no escritório, mas não se adaptou. Na função de orgideira, que ela se identifica e a classifica como uma das funções mais importantes no processo produtivo da fábrica. Assim como notamos no discurso de Dona Luiza e Dona Rita, também vimos no discurso de Dona Vivian o orgulho de seu trabalho, em especial nas suas respectivas atuações. Para Dona Vivian trabalhar na orgideira, em que eram feito o acabamento do pano era uma das tarefas principais e tinha prazer em fazer, se adaptou melhor do que trabalhando no escritório, que para outras pessoas, poderia parecer uma tarefa mais importante, para ela trabalhar na orgideira seria uma das funções principais para a produção do tecido.

Quando começou a trabalhar na Saliba Dona Vivian era solteira, depois de um tempo se casou, então lhe perguntei se mudou alguma coisa, se continuou a trabalhar, sua resposta foi a seguinte: “*Continuei trabalhando*”, em seguida perguntei se mudou algo em sua rotina, e ela me respondeu: “*Não...não... Mas o trabalho é dobrado, né?*”. Seguindo, lhe questionei se conseguia conciliar trabalho e diversão e ela disse: “*Não...não...Nunca tive.*”.

Observando as respostas dadas é possível ver que sua vida foi dedicada ao trabalho e a família. Não houve tempo para a diversão. Dona Vivian teve filhos, lhe perguntei se isso mudou algo no seu trabalho, e a resposta foi semelhante quando a perguntei se algo mudou quando casou, “*Não mudou nada*”.

Percebendo que o trabalho fez parte de sua vida como protagonista, lhe perguntei qual seria a idéia de trabalho que passaria aos seus filhos. Dona Vivian me respondeu da seguinte forma: “*Dedicação, determinação, disciplina e horário. O que eu sempre falo, atrasar nunca,*

sempre adiantado. Não que você chegue lá e vai direto trabalhar. Cê chega antes do horário, entendeu? Pra não ter aquela correria.”

A forma de pensar em relação ao trabalho e o que deve ser passado a diante, aos seus filhos nos mostra também a forma como uma sociedade se constitui. A preocupação com a disciplina e horário nos remete a valores que nos ensinaram e que também são utilizados para a produtividade, tudo tem seu tempo e é preciso disciplina para realizar bem as tarefas. Marcuse nos diz que a forma pela qual a sociedade se organiza são herdadas, como fala no seguinte trecho: *A maneira pela qual a sociedade organiza a vida de seus membros compreende uma escolha inicial entre alternativas históricas que são determinadas pelo nível de cultura material e intelectual herdado. (p.19)*. Ou seja, este pensamento em relação ao trabalho que Dona Vivian procura passar aos seus filhos, são valores que estão impregnados em nossa sociedade, e que estruturam a sociedade que vivemos.

Seguindo a entrevista, lhe perguntei qual era sua motivação para trabalhar na Saliba, sua resposta foi a seguinte:

Como eu vou te explicar... Primeiro, gostar do que faz, segundo, a remuneração que era boa. Quando a gente trabalhava naquela época era boa. E não teria outro lugar pra trabalhar.

*Minha intervenção: Era só a Saliba naquela época?
Ahh eu acredito que naquela época era.... Até tinha, até teria mais oportunidade, só que você foca naquele serviço e num abre mão.*

O gosto pelo que se fazia fica mais uma vez claro, saber fazer bem seu ofício e ser bem recompensada pelo que faz lhe motivava a continuar. Quando lhe pergunto sua relação com os outros funcionários, os(as) colegas de trabalho, lhe veio um sorriso largo seguido das seguintes palavras: *Ahhhhhh (risos) isso você pode ter certeza que era muito bom. Muito bom... muito bom! Nossa, tenho saudade do meu trabalho, gostava muito. E da turma também.* Ao mesmo tempo que falou com entusiasmo sobre a turma do trabalho, sobre gostar do que faz, quando lhe perguntei do que sentia mais falta de quando trabalhava sua resposta contrastou com a anterior, *Ahh não, falta eu não sinto, aquele horário que cê acostuma a levantar até hoje, entendeu? O teu relógio biológico passa ser o mesmo, 5 horas cê acorda, 6 horas você quer levantar.*

A existência do sujeito se torna condicionada ao mundo do trabalho, os horários, e como a Dona Vivian nos disse após uma vida tendo que acordar cedo e logo ir para o

trabalho, o seu corpo fica condicionado. Apesar da suposta “liberdade” que D. Vivian conseguiu após deixar de trabalhar, a disciplina de acordar cedo para o trabalho não a deixou. Criando um paradoxo entre a sua liberdade e a disciplina imposta durante tantos anos de trabalho.

Observando o condicionamento de Dona Vivian aos horários estabelecidos durante o tempo de trabalho, quis saber quanto tempo trabalhou na Saliba. Durante dezessete anos de sua vida, a rotina era acordar às cinco da manhã e estar no trabalho às seis, como aparece em sua fala sobre quando trabalhava na Saliba.

Na Saliba eu acho que foram 17 anos. Acho que foi 17 mesmo. Não sei se chegou a 17 não. Acho que quase 15, não chegou a 17 não.

Minha intervenção: A senhora sabe como funciona a Saliba hoje?

Não, eu acho assim. A Saliba fechou, deu um ponto final, foi pra São Paulo. Retornou, mas retornou não mais naquele nível de muito funcionários, então ficou tudo mais limitado, porque é tudo mais moderno, né?!

Minha intervenção: E quando a senhora trabalhou lá percebeu essa modernização?

Não, até assim quando eu trabalhava lá era normal, era a tecelagem antiga, as aparelhagens tudo, as chaves tudo era mais antigo. Mas depois que eles voltaram que voltou com o tear mais moderno, que é computadorizado, é assim, é diferente, entendeu?

Minha intervenção: A senhora quando mudava de função tinha alguma dificuldade em se adaptar? Não, não.

A modernização do aparato industrial não chegou a fazer parte do convívio de Dona Vivian em seu meio de trabalho, segundo seu discurso. Porém, a aparelhagem só se tornou computadorizada depois do período em que a Saliba retornou à Alfenas, após ter fechado suas portas por um período e se estabelecido em São Paulo. Quando retomou suas atividades em Alfenas com as aparelhagens modernas D. Vivian diz que “ficou tudo mais limitado”, referindo a mão-de-obra que não seria como em sua época de trabalho. Limitado no sentido de especialização desta, e no número de trabalhadores que a tecelagem empregaria.

Durante esses quinze anos trabalhando na Saliba, Dona Vivian viveu uma rotina de trabalho, acordando cedo, indo trabalhar, qual seria sua rotina depois que deixou a tecelagem? Pensando na nova vida que emerge após deixar o trabalho lhe perguntei qual seria sua rotina hoje. Sua resposta foi surpreendente:

A minha rotina? Será que tem rotina? (risos) Eu acho que vou falar pra você que não tem rotina, viu? É

muita atividade, assim, participo de muita coisa, eu vou pra UNATI, vou pra 3ª idade, vou pra natação, pra hidroginástica. Então assim, o tempo é bem preenchido. Então não tem rotina não, até eu acho que falta tempo.

Observando a sua rotina, ou melhor, “a não rotina” que sua vida destinou, notamos que seu corpo e sua mente estão ativos, não mais no sentido do trabalho como fonte de renda, mas o trabalho que alimenta a sua alma. A partir deste pequeno trecho notamos o porquê se sua objetividade durante a entrevista, sua mente não se ocupa de lembrar, sua mente trabalha no presente e não se dispõe a lembrar do passado, mas de hoje. Bosi (1994; p.63) nos expõe a visão de Halbwachs em que diz que a função social do velho é de “lembrar”, que em muitas sociedades o velho representa a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade. Porém, ela também nos alerta que em nossa sociedade há o homem ativo, pode não exercer uma profissão, mas mantém ativo suas atividades do dia-a-dia, este que não se ocupa das lembranças, não vive para isto. Como aparece no trecho:

O que se poderia, no entanto, verificar, na sociedade em que vivemos, é a hipótese mais geral de que o homem ativo (independentemente de sua idade) se ocupa menos em lembrar, exerce menos frequentemente a atividade da memória, ao passo que o homem já afastado dos afazeres mais prementes do cotidiano se dá mais habitualmente à refacção do seu passado. (BOSI, P.63)

Quando volto a lhe perguntar sobre o trabalho realizado na Saliba, questiono-a como seria se trabalhasse hoje na tecelagem. *Se fosse pra mim trabalhar eu te garanto que seria muito bom. Eu sinto falta do trabalho, acho assim que o trabalho a gente sente que o corpo num guenta aquela rotina mais, mas se fosse pra voltar eu voltaria tranquilo. A vontade de trabalhar ainda existe, sua mente ainda ativa, mas em contra partida seu corpo sente, não agüenta mais tanto tempo de trabalho, como mostra Bosi (1994; p.77) ao nos dizer que a sociedade industrial é maléfica para a velhice.*

Para encerrar lhe perguntei se sentia realizada com o trabalho que realizou na Saliba, sua resposta foi a seguinte: *Ahh eu sinto sim... Nunca desprezo, acho assim que foi muito válido.*

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos discursos das entrevistadas, verifico que muitas vezes as lembranças não seguem um rumo linear ou cronológico. O sabor da comida da mãe ou as sensações que cada momento lhe despertou antecipam ao acontecimento em si, antes mesmo de recordarem as datas, estas que se perderam no emaranhado da memória. Firmou-se então o que era sentimento, o que lhe trazia a tona um sorriso no rosto.

A memória, segundo Halbwachs, é constituída socialmente, notamos tal acontecimento nas falas das entrevistadas, que possuem em comum uma vida voltada ao trabalho, dando assim um sentido a suas vidas. Observamos também que seus discursos em relação a família, o ideal de trabalho é trazido pela oralidade, de pai para filho.

Já pensando a ideologia da sociedade industrial segundo a perspectiva Marcusiana, é necessário entender que existe uma força invisível aos olhos, porém grandiosa, que é capaz de sustentar uma sociedade, uma força que por meio de uma coerção em que os indivíduos pertencentes a ela são capazes de se identificar com o combustível que a move. A partir do momento em que o sujeito se satisfaz e se identifica com o meio ao qual pertence, sua realidade não pode ser considerada uma ilusão. Ou seja, estes indivíduos mantêm a ideologia estabelecida, pois seus ideais de vida e pensamentos se assemelham aos princípios em que esta sociedade é fundada.

Ao analisar os discursos das entrevistadas, podemos notar formas de pensar o agora e o passado de forma distinta. Enquanto Dona Vivian parece ter sua vida atual mais ativa, com ocupações, mostrando-se bem mais contente com o presente do que com o passado, não lhe restando muito espaço para as lembranças do que já se passou.

Em contrapartida, observamos em Dona Luiza uma memória cheia de detalhes, nota-se que sua vida é voltada às recordações, e segundo ela sua vida acabou depois que deixou seu trabalho.

Enquanto Dona Luiza e Dona Vivian trabalhavam na própria tecelagem, Dona Edith fazia parte da área administrativa da Saliba; isso influenciou no seu ponto de vista em relação ao trabalho na empresa. Enquanto as primeiras reclamavam de horários exaustivos de trabalho, a segunda se colocou ao lado de seus patrões. Havendo também momentos que se queixou de sobrecarga de tarefas.

Sendo assim, é possível observar três formas distintas de ver o trabalho e a vida no passado e presente. Porém, nestas três histórias de vida é notório o fato de que foram vidas

destinadas ao trabalho, viveram para ele.

A obsolescência que notamos fazer parte da vida das ex-trabalhadoras é a criada por esta sociedade industrial, é a obsolescência de suas mãos - de obra como meio de produção. Esta sociedade que as empregou no passado, agora as descarta. Diante desta situação, podemos dizer que esta é uma sociedade do descarte do velho. Pois a partir do momento que suas mãos não podem mais acompanhar o ritmo acelerado de sua produção, este se torna descartável, não mais produz nem reproduz, como nos diz Bosi (1994; p.77).

O trabalho, na sua forma literal de significação, para Dona Rita e Dona Vivian ainda permanece presente, não mais como meio de produção, mas como forma de ocupar a mente. E estas ocupações muitas vezes não as deixam lembrar tão minuciosamente do passado, como ocorre com Dona Luiza que hoje passa seu tempo apenas em casa, seu tempo de ócio é o tempo de lembrar o passado, de seu trabalho e a felicidade de ser produtiva. A sobrevivência de seu trabalho produtivo fica apenas em sua memória em forma de saudade. A saudade do trabalho também cerca D. Rita e D.Vivian.

REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MARCUSE, Herbert. *Ideologia da Sociedade Industrial*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 3ª edição, 1969.

ANEXO A – QUESTIONÁRIO REALIZADO NAS ENTREVISTAS

BLOCO 1 (INFÂNCIA)

- 1) Qual a sua principal lembrança da infância?
- 2) Quando criança já tinha alguma ideia com o que trabalharia quando fosse mais velha?

BLOCO 2 (A VIDA DE TRABALHO)

- 3) Quando começou a trabalhar?
- 4) Por que escolheu a indústria têxtil?
- 5) Qual era a sua rotina de trabalho?(Quantas horas passava trabalhando)
- 6) Sua família teve alguma influência quando começou a trabalhar? Se sim, Como?
- 7) Quais eram seus objetivos quando começou a trabalhar? (suas aspirações, ambições)
- 8) Como foi conciliar trabalho, estudos e diversão?

BLOCO 3 (A VIDA PESSOAL)

- 9) Quando se casou?
- 10) Depois de casada o que mudou na sua vida?
- 11) Com a chegada dos filhos como ficou sua rotina entre o trabalho e a casa?

BLOCO 4 (A RELAÇÃO COM O TRABALHO NA EXPERIÊNCIA DA SALIBA)

- 12) Quais exemplos você gostaria de ter passado para os seus filhos do trabalho, do que é o trabalho na vida de uma pessoa?
- 13) Você acha que conseguiu passar o que queria (o ideal do trabalho) para os seus filhos?
- 14) Durante o período que trabalhou na SALIBA, qual era a sua motivação para trabalhar nesta indústria? Você sentia que havia algo de você naquilo que produzia? Se sim, de que forma?
- 15) Quais as principais mudanças que notou ao longo dos anos trabalhando na SALIBA? Houve modernização dos equipamentos?
- 16) A SALIBA garantia todos os seus direitos como funcionária?
- 17) Como era seu relacionamento com os outros funcionários?
- 18) Do que sente falta da época em que trabalhava?

Como sua família enxergava o seu trabalho para você? Também poderia perguntar: Como

o que você enxergava o seu trabalho?

BLOCO 5 (O TEMPO PRESENTE)

19) Qual é sua rotina hoje?

20) Como seria se trabalhasse hoje?

BLOCO 6 (PERGUNTA DESFECHO)

21) Você se sente satisfeita com o trabalho que realizou durante sua vida, qual o seu sentimento quanto a isso?